ALI HAZELWOOD

AUTORA DE *A HIPÓTESE DO AMOR*

Abaixo de zero



ARQUEIRO



A Editora Arqueiro agradece a sua escolha.
Agora, você tem em mãos um dos nossos livros
e pode ficar por dentro dos nossos lançamentos,
ofertas, dicas de leitura e muito mais!

Clique aqui para assinar
nossa newsletter e receber
as novidades diretamente
em seu e-mail.

Abaixo
de zero



O Arqueiro

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certeira: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.


ALI HAZELWOOD
Abaixo
de zero
ARQUEIRO

Título original: *Below Zero*
Copyright © 2022 por Ali Hazelwood
Copyright da tradução © 2023 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Roberta Clapp

preparo de originais: Melissa Lopes Leite

revisão: Carolina Rodrigues, Jean Marcel Montassier e Mariana Bard

diagramação e adaptação de capa: Gustavo Cardozo

capa e imagem de capa: lilithsaur

e-book: Marcelo Morais

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

H337a

Hazelwood, Ali
Abaixo de zero [recurso eletrônico] / Ali Hazelwood; tradução de Roberta Clapp. - 1. ed. - São Paulo: Arqueiro, 2023.
recurso digital (Odeio te amar; 3)

Tradução de: Below zero
Sequência de: Presa com você
Formato: e-book
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-65-5565-458-5 (recurso eletrônico)

1. Ficção italiana. 2. Livros eletrônicos. I. Clapp, Roberta. II. Título. III. Série.

22-81277

CDD: 853
CDU: 82-3(450)

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

Para Shep e Celia. Ainda sem ursos-polares,
mas com muito amor.

SUMÁRIO

Prólogo

Capítulo Um

Capítulo Dois

Capítulo Três

Capítulo Quatro

Capítulo Cinco

Capítulo Seis

Capítulo Sete

Capítulo Oito

Capítulo Nove

Epílogo

Sobre a autora

Sobre a Arqueiro



Prólogo

Arquipélago de Svalbard, Noruega

PRESENTE

Sonho com um oceano.

Mas não é o Ártico. Não é este aqui da Noruega, com suas ondas espumosas e compactas batendo constantemente contra a costa do arquipélago de Svalbard. Talvez seja um pouco injusto da minha parte: o mar de Barents é digno de um sonho. Assim como seus icebergs flutuantes e suas praias inóspitas permanentemente congeladas. Ao meu redor não há nada além de uma beleza austera e azul-celeste, e, se por acaso eu morrer aqui, sozinha, tremendo de frio, machucada e faminta… Bem, não tenho do que reclamar.

Afinal, azul sempre foi minha cor favorita.

E, ainda assim, meus sonhos parecem discordar disso. Estou deitada aqui,

semiacordada, semiconsciente. Sinto meu corpo perder uma quantidade preciosa de calor. Vejo a luz ultravioleta da manhã alcançar o interior da crevasse, a fenda que se abriu na geleira e que me engoliu horas atrás, e o único oceano com que consigo sonhar é o de Marte.

– *Dra. Arroyo, está me ouvindo?*

A verdade é que isso chega a ser absurdo. Eu sou uma cientista da Nasa. Tenho doutorado em engenharia aeroespacial e vários artigos publicados na área de astrogeologia. Meu cérebro é um constante turbilhão caótico de pensamentos dispersos sobre vulcanismo, dinâmica de cristais líquidos e o tipo exato de equipamento antirradiação que seria necessário para dar início a uma colônia humana de tamanho médio em Kepler-452b. Juro que não estou sendo presunçosa ao afirmar que sei praticamente tudo que há para saber sobre Marte. Inclusive o fato de que não existem oceanos lá, e a ideia de que já houve um em algum momento é altamente controversa entre os cientistas.

Então, sim: além de os meus sonhos de quase morte serem ridículos, também são cientificamente imprecisos. Eu daria risada disso, mas estou com um tornozelo torcido e me encontro a uns três metros abaixo da superfície. Deve ser mais inteligente poupar energia para o que está por vir. Jamais acreditei em vida após a morte, mas vai saber? É melhor estar aberta às possibilidades.

– *Dra. Arroyo, na escuta?*

O problema é que esse oceano inexistente em Marte chama por mim. Sinto sua força de atração no fundo do estômago, e isso me aquece, mesmo aqui, na extremidade gelada do mundo. Suas águas azul-turquesa e suas costas tingidas de ferrugem estão a aproximadamente duzentos milhões de quilômetros do lugar onde vou morrer e apodrecer, mas não consigo evitar a sensação de que me desejam por perto. Há um oceano, uma rede de ravinas, um imenso planeta inteirinho repleto de óxido de ferro, e tudo isso está me chamando. Me pedindo para desistir. Aceitar. Me entregar.

– *Dra. Arroyo?*

E também existem as vozes. Vozes aleatórias e improváveis do meu passado. Tá, admito: *uma* voz. É sempre a mesma, grave e retumbante. Na verdade, não me importo com ela, preciso dizer. Não sei por que meu cérebro decidiu me impor isso neste momento, considerando que a voz pertence a alguém que não gosta muito de mim – alguém de quem talvez eu goste

menos ainda –, mas é uma voz muito bonita. Nota 10. Uma voz que vale a pena ouvir quando se está à beira da morte. Ainda que Ian Floyd tenha sido a pessoa que jamais quis que eu viesse para Svalbard, para início de conversa. Ainda que ele tenha sido teimoso, indelicado e irracional da última vez que nos vimos e agora pareça soar…

– *Hannah?*

Tão perto. É mesmo Ian Floyd? Soando tão perto de mim?

Impossível. Meu cérebro congelou e eu fiquei burra. Acho que já era. Minha hora chegou, o fim está próximo e…

– *Hannah. Estou indo aí.*

Meus olhos se abrem. Não estou mais sonhando.



Capítulo Um

Centro Espacial Johnson, Houston, Texas

UM ANO ATRÁS

No meu primeiro dia na Nasa, em algum momento entre o processo de admissão no RH e um tour pelo prédio de Estudos de Compatibilidade Eletromagnética, um engenheiro recém-contratado meio fanático se volta para o resto de nós e pergunta:

– Vocês também sentem que cada segundo que vivemos trouxe cada um de nós pra este exato momento? Como se estar aqui fosse nosso destino?

Além do Animadinho, somos quatorze começando hoje. Quatorze profissionais recém-saídos dos cinco melhores programas de pós-graduação, de estágios prestigiados e de empregos que aceitamos anteriormente só para que nossos currículos parecessem mais atraentes durante a próxima rodada de recrutamento da Nasa. E os outros treze além de mim estão todos

assentindo com entusiasmo.

– Sempre soube que viria pra Nasa, desde os 5 anos – diz uma garota de aparência tímida.

Ela passou a manhã inteira ao meu lado, imagino que por sermos as únicas mulheres do grupo. Preciso dizer que não me importo muito com isso. Talvez por ela ser engenheira de computação e eu, aeroespacial, o que significa que há uma boa chance de não nos vermos muito depois de hoje. O nome dela é Alexis, e está usando um colar com pingente da Nasa por cima de uma camiseta da Nasa que mal cobre a tatuagem da Nasa no braço.

– Aposto que você também, Hannah – acrescenta ela, e eu lhe dirijo um sorriso.

Faço isso só porque Sadie e Mara insistiram para que eu evitasse estar sempre com cara de bunda agora que vivemos em fusos horários diferentes. Elas estão convencidas de que preciso fazer novos amigos, e concordei, relutante, em me esforçar apenas para fazê-las calar a boca. Então, meneio a cabeça para Alexis como se soubesse exatamente o que ela quer dizer, enquanto penso comigo mesma: *Na verdade, não.*

Quando as pessoas descobrem que tenho doutorado, imaginam que sempre fui uma aluna dedicada aos estudos. Que toda a minha vida escolar foi marcada por um desejo constante de superação. Que, por ter me saído tão bem como estudante, decidi continuar nessa vida muito tempo depois de ter a oportunidade de meter o pé e me libertar dos grilhões dos deveres de casa e das noites em claro estudando para provas intermináveis. As pessoas presumem tudo isso e, na maioria das vezes, deixo que acreditem no que quiserem. Me importar com o que os outros pensam dá muito trabalho e – com pouquíssimas exceções – não sou muito fã do que dá trabalho.

A verdade, porém, é exatamente o oposto. Detestei a escola logo de cara – e, consequentemente, a escola detestava a criança mal-humorada e apática que eu era. No primeiro ano do fundamental, me recusei a aprender a escrever o meu nome, embora *Hannah* tenha apenas três letras, repetidas duas vezes cada. No segundo ciclo do fundamental, estabeleci um recorde para o maior número de dias consecutivos que alguém ficou de castigo depois da aula – o que acontece quando você decide se posicionar e não fazer o dever de casa de nenhuma de suas disciplinas porque são chatas demais, difíceis demais, inúteis demais ou todas as opções anteriores. Até o final do segundo ano do ensino médio, mal podia esperar para me formar e dar adeus

à escola e a todas as coisas associadas a ela: os livros, os professores, as notas, as panelinhas. Tudo. Eu não tinha um plano de fato para *depois*, a não ser deixar o *agora* para trás.

A vida inteira tive a sensação de que nunca seria boa o bastante em *nada*. Desde cedo, internalizei que jamais seria tão inteligente, tão simpática e tão querida quanto meu irmão mais velho perfeito e minha irmã mais velha impecável, e, depois de várias tentativas fracassadas de me equiparar a eles, decidi parar de tentar. E de me importar também. Na adolescência, eu só queria…

Bem, até hoje, não tenho certeza do que queria aos 15 anos. Que meus pais parassem de se preocupar com minha falta de adequação, talvez. Que meus colegas parassem de me perguntar como eu podia ser irmã de dois ex-alunos excelentes que, ainda por cima, tinham sido oradores da turma. Queria parar de sentir como se estivesse afundando na minha própria falta de objetivo e queria que minha cabeça parasse de girar o tempo inteiro. Eu me sentia confusa, contraditória e, olhando em retrospecto, deve ter sido insuportável conviver comigo na adolescência. Perdão, mamãe, papai e todo o resto do mundo.

Enfim, eu era uma garota muito perdida. Até que Brian McDonald, um calouro, achou que me chamar para o baile de formatura dizendo "Seus olhos são azuis como um pôr do sol em Marte" talvez me convencesse a aceitar o convite.

Só para constar, essa é uma péssima cantada. Não recomendo. Use com moderação. Aliás, não use de jeito nenhum, principalmente se a pessoa que você está tentando conquistar tiver olhos castanhos – como eu. Mas o que foi um inegável marco negativo na história do flerte acabou servindo, se me perdoam a metáfora, como uma espécie de meteorito: colidiu com a minha vida e mudou a trajetória dela.

Nos anos seguintes, eu iria descobrir que todos os meus colegas da Nasa têm a própria história de origem. A própria rocha espacial que alterou o curso de sua existência e os levou a se tornarem engenheiros, físicos, biólogos, astronautas. Geralmente é um passeio do ensino fundamental ao Centro Espacial Kennedy. Um livro de Carl Sagan debaixo da árvore de Natal. Um professor de ciências particularmente inspirador no acampamento de verão. Meu encontro com Brian McDonald entra nesse rol. O problema é que envolve um cara que (supostamente) passou a moderar fóruns de

celibatários involuntários no Reddit, o que torna a história um tanto patética.

Pessoas obcecadas pelo espaço se dividem em dois grupos distintos. Existem as que querem *ir* ao espaço e anseiam pela gravidade zero, pelos trajes espaciais e por beber a própria urina reciclada. E existem aquelas como eu: o que queremos é *saber* sobre o espaço. No início, são questões simples: do que é feito? Onde termina? Por que as estrelas não despencam lá de cima e caem na nossa cabeça? Então, depois de ler o suficiente, vêm os tópicos mais importantes: matéria escura, multiverso, buracos negros. É aí que você percebe como entendemos pouco sobre essa coisa gigante da qual fazemos parte e começa a pensar se pode ajudar a produzir algum novo conhecimento.

E é assim que você vai parar na Nasa.

Então, de volta a Brian McDonald… Eu não fui ao baile de formatura com ele. (Nem sequer fui ao baile, porque não era mesmo a minha praia, e, mesmo que fosse, eu estava de castigo por ter tirado nota baixa em inglês, e, mesmo que não estivesse, danem-se Brian McDonald e suas cantadas mal pesquisadas.) No entanto, alguma coisa naquela história me pegou. Por que um pôr do sol seria azul? E em um planeta vermelho, ainda por cima? Parecia algo que valia a pena compreender melhor. Assim, passei a noite no meu quarto pesquisando no Google sobre partículas de poeira na atmosfera marciana. No final da semana, eu tinha feito a carteirinha na biblioteca e devorado três livros. No final do mês, estava estudando cálculo para entender conceitos como propulsão ao longo do tempo e séries harmônicas. No final daquele ano, tinha um objetivo. Nebuloso, confuso, ainda não totalmente definido, mas ainda assim era um objetivo.

Pela primeira vez na vida.

Vou poupar você da maior parte dos detalhes exaustivos, mas passei o resto do ensino médio ralando para compensar tudo que eu não tinha ralado nos dez anos anteriores. Imagine um daqueles filmes da década de 1980 em que o personagem principal treina pesado em prol de algum objetivo, mas, em vez de correr na neve e fazer barra fixa usando um cabo de vassoura reaproveitado, eu devorava livros e aulas no YouTube. E era dureza: o fato de querer entender conceitos como diagramas HR ou períodos sinódicos ou sizígia não fazia com que essas coisas fossem fáceis de assimilar.

Antes, eu nunca havia *tentado* realmente. Mas, na tenra idade de 16 anos, me deparei com a confusão insuportável que surge quando você dá o seu

melhor e percebe que às vezes simplesmente não basta. Por mais que me doa dizer isso, eu não tenho um QI de 130. Para compreender de verdade os livros que queria ler, tinha que repassar os mesmos conceitos várias e várias vezes. No começo, eu curtia a onda de descobrir coisas novas, mas, depois de um tempo, minha motivação passou a diminuir, e comecei a me perguntar o que raios estava fazendo. Vinha estudando uma série de conceitos científicos bastante básicos, para poder me formar em assuntos científicos mais avançados, para que um dia eu realmente soubesse todas aquelas coisas científicas sobre Marte e… e aí? Iria participar de algum game show tipo *Jeopardy!* e escolher a categoria "Espaço"? Não parecia valer todo aquele esforço.

E então veio agosto de 2012.

No dia em que o rover espacial *Curiosity* se aproximou da atmosfera de Marte, fiquei acordada até uma da manhã. Bebi duas garrafas de Coca-Cola sem açúcar, comi amendoim para dar sorte e, quando a manobra de pouso começou, mordi tanto o lábio que até sangrou. No momento em que ele tocou o chão em segurança, eu gritei, ri, chorei e depois passei uma semana de castigo por acordar a casa inteira na noite que antecedeu a partida do meu irmão para sua viagem com o Corpo da Paz. Mas nem liguei.

Nos meses seguintes, devorei cada pequena notícia que a Nasa divulgou sobre a missão do *Curiosity*, e, enquanto me perguntava sobre quem estava por trás das imagens da cratera Gale, da interpretação dos dados brutos, dos relatórios sobre a composição molecular da Aeolis Palus, meu objetivo nebuloso e indefinido começou a se consolidar.

Nasa.

A Nasa era onde eu queria estar.

No verão entre os dois últimos anos do ensino médio, encontrei um ranking dos cem melhores programas de estudo em engenharia dos Estados Unidos e decidi me candidatar aos vinte mais bem classificados.

– Você devia expandir seus horizontes. Acrescentar algumas outras universidades só para garantir – disse meu orientador vocacional. – Olha... Suas notas nos exames finais foram muito boas e seu CR melhorou muito, mas você tem vários… – uma longa pausa para pigarrear – … pontos negativos no seu histórico.

Pensei sobre isso por um minuto. Quem poderia imaginar que ser uma inútil na primeira década e meia da minha vida traria consequências

duradouras? Eu, não.

– Tá bem. Vamos ampliar para as 35 melhores.

No final das contas, eu nem precisava ter feito isso. Fui aceita em uma das... – que rufem os tambores, por gentileza – ... VINTE melhores universidades! Uma verdadeira vitória, né? Não sei se houve algum equívoco na minha inscrição, se metade do meu histórico escolar foi extraviado ou se todo o gabinete responsável pelas admissões sofreu uma espécie de colapso e temporariamente esqueceu qual deveria ser o perfil de um estudante promissor. Fiz a matrícula e, uns 45 segundos depois de receber minha carta, informei ao Instituto de Tecnologia da Geórgia que estaria lá.

Com toda a certeza do mundo.

Então me mudei para Atlanta e dei tudo de mim. Cursei todas as disciplinas que sabia que a Nasa gostaria de ver em um currículo. Consegui entrar para estágios em instituições federais. Estudei o bastante para gabaritar as provas, fiz trabalho de campo, me inscrevi na pós-graduação, escrevi a tese. Quando olho para os últimos dez anos, a faculdade, o trabalho e os artigos acadêmicos são praticamente tudo que se destaca – com a notável exceção de ter conhecido Sadie e Mara e de, a contragosto, vê-las cavar um espaço no meu coração. Meu Deus, elas ocupam *muito espaço.*

– É como se a sua personalidade inteira fosse definida pelo espaço sideral – comentou a garota com quem fiquei durante a maior parte do segundo ano da graduação.

Isso foi depois de eu dizer a ela que não, obrigada, eu não estava interessada em sair para lanchar e encontrar os amigos dela porque queria assistir a uma palestra sobre Kalpana Chawla.

– Você tem algum outro interesse? – perguntou ela.

Respondi um rápido "Não", dei tchauzinho e não fiquei muito surpresa quando, na semana seguinte, ela não respondeu ao meu convite para nos encontrarmos. Afinal, eu nitidamente não poderia oferecer o que ela queria.

– Isso é realmente suficiente pra você? Transar comigo quando tá a fim e me ignorar o resto do tempo? – perguntou o cara com quem dormi durante o último semestre do doutorado. – Você parece só… sei lá. *Extremamente inacessível* emocionalmente.

Talvez ele tivesse razão, porque mal passou um ano e não consigo me lembrar do rosto dele.

Exatamente uma década depois de Brian McDonald ter confundido a cor

dos meus olhos, me candidatei a um cargo na Nasa. Consegui uma entrevista, depois uma proposta de emprego e agora estou aqui. No entanto, ao contrário dos outros novos contratados, não sinto que Marte e eu fomos feitos um para o outro desde sempre. Não havia nenhuma garantia, nenhum fio invisível do destino me amarrando a este trabalho, e tenho certeza de que cheguei até aqui por meio de pura força bruta. Mas será que isso importa?

Não. Nem um pouco.

Então me viro para olhar para Alexis. Desta vez, seu colar da Nasa, sua camiseta, sua tatuagem – todas essas coisas arrancam um sorriso sincero de mim. Foi uma longa jornada até aqui. O destino nunca foi algo certo, mas cheguei e estou feliz de uma forma estranha, sincera e satisfatória.

– Me sinto em casa – digo, e o jeito entusiasmado com que ela assente com a cabeça reverbera no fundo do meu peito.

Em determinado ponto da história, todos os membros do Programa de Exploração de Marte também tiveram seu primeiro dia na Nasa. Eles estiveram no mesmo lugar onde estou agora. Deram seus dados bancários para receberem o salário, tiraram uma foto péssima para seus crachás, apertaram a mão dos funcionários do RH. Reclamaram do clima de Houston, compraram o café horroroso do refeitório, reviraram os olhos para os visitantes fazendo coisas de turista, perderam o fôlego diante do foguete *Saturno V*. Cada membro do Programa de Exploração de Marte passou por isso, assim como eu passarei.

Entro na sala de reuniões onde algum figurão da Nasa falará conosco, observo a vista da janela do Centro Espacial Johnson e os destroços de objetos que em algum momento foram lançados em direção às estrelas, e sinto que cada centímetro deste lugar é emocionante, fascinante, eletrizante, inebriante.

Perfeito.

Então me viro. E, claro, encontro a última pessoa que gostaria de ver.



Capítulo Dois

Campus do Instituto de Tecnologia da Califórnia, Pasadena

CINCO ANOS E SEIS MESES ATRÁS

Foi no final do primeiro semestre do doutorado que conheci Ian Floyd, e foi tudo culpa de Helena Harding.

A Dra. Harding é várias coisas: orientadora da minha amiga Mara no doutorado; uma das cientistas ambientais mais célebres do século XXI; um ser humano geralmente ranzinza; e, por último, mas não menos importante, minha professora de Engenharia de Recursos Hídricos.

Para ser sincera, essa disciplina é uma grande perda de tempo: obrigatória, irrelevante para meus interesses acadêmicos, profissionais ou pessoais e altamente focada na interseção do ciclo hidrológico e do projeto de sistemas urbanos de esgoto pluvial. Na maioria das vezes, passo a aula inteira desejando estar em outro lugar: na fila do banco, no mercado comprando

feijões mágicos, estudando Análise de Aerodinâmicas Transônicas e Supersônicas. Faço o mínimo possível para tirar um oito – que, no injusto sistema da pós-graduação, é a nota mínima para aprovação – até a terceira ou quarta semana de aulas, quando a Dra. Harding exige uma nova e dolorosa tarefa que não tem nada a ver com água.

– Encontre alguém que tenha o emprego que você deseja conquistar no final do doutorado e faça uma entrevista informativa com essa pessoa – instrui ela. – Depois, escreva um relatório a respeito. O trabalho deve ser entregue até o final do semestre. Nem adianta vir encher meus ouvidos com isso no meio do expediente, porque *vou* chamar a segurança pra te escoltar até a saída.

Tenho a sensação de que ela está olhando para mim enquanto diz isso. Provavelmente é apenas minha consciência pesada.

– Vou perguntar pra Helena se ela pode ser minha entrevistada. Mas, se você quiser, acho que tenho um primo ou algo assim no Laboratório de Propulsão a Jato da Nasa – diz Mara casualmente mais tarde naquele dia, enquanto estamos sentadas nos degraus de uma escada do lado de fora do auditório Beckman almoçando rapidinho antes de voltarmos para nossos laboratórios.

Eu não diria que somos próximas, mas cheguei à conclusão de que gosto dela. Muito. A esta altura, minha postura no doutorado é uma leve variação de *Não vim aqui para fazer amigos*: não me sinto competindo com os demais participantes do programa, mas também não estou particularmente interessada em algo que não seja meu trabalho no laboratório de aeronáutica, o que inclui conhecer outros alunos, ou, tipo… aprender seus nomes. Tenho quase certeza de que minha falta de interesse é bastante explícita, mas ou Mara não entendeu a mensagem, ou a está ignorando. Ela e Sadie descobriram uma à outra logo nos primeiros dias, e então, por razões que não entendo direito, decidiram me descobrir.

É por isso que Mara está sentada ao meu lado, me contando sobre seus contatos no Laboratório de Propulsão a Jato.

– Um primo ou algo assim? – pergunto, curiosa. Parece um pouco suspeito. – Você *acha*?

– Aham, não tenho certeza. – Ela dá de ombros e continua a cutucar um pote contendo brócolis, uma maçã e umas duas toneladas de biscoitinhos de queijo. – Na verdade, não sei muita coisa sobre ele. Os pais se divorciaram,

depois algumas pessoas da minha família brigaram e pararam de se falar. Rolava muito atrito entre os Floyds, então tem anos que não falo com ele. Mas um outro primo me contou que ele estava trabalhando naquela coisa que pousou em Marte quando a gente ainda estava no ensino médio. Um troço chamado… *Contingency, Carpentry, Crudity… alguma coisa assim…*

– O rover *Curiosity*?

– Sim! Talvez?

Eu abaixo meu sanduíche. Engulo o pedaço que tenho na boca. Pigarreio.

– O seu primo *ou algo assim* estava na equipe do rover *Curiosity*.

– Acho que sim. As datas batem? Talvez tenha sido um estágio que ele fez nas férias de verão, não sei. Mas, sinceramente, pode ser só um boato da família Floyd. Tenho uma tia que insiste que somos parentes da família real finlandesa, e, de acordo com a Wikipédia, não existe família real finlandesa. Então... – Ela dá de ombros e coloca outro punhado de biscoitinhos na boca. – Quer que eu veja isso pra você? Pra entrevista?

Faço que sim com a cabeça. E não penso muito a respeito até mais ou menos um mês depois. Até lá, por meios que ainda não consigo compreender, Mara e Sadie já conseguiram se infiltrar no meu coração, fazendo com que eu alterasse minha postura anterior de *Não vim aqui para fazer amigos* para uma versão um pouquinho diferente: *Não vim aqui para fazer amigos, mas ouse se meter com a minha amiga esquisita viciada em biscoitos de queijo ou com a minha outra amiga esquisita viciada em futebol que eu te espanco com uma barra de ferro até você mijar sangue pelo resto da vida.* Um pouco agressiva? Talvez. Poucas coisas me afetam, mas, quando isso acontece, é de uma forma surpreendentemente intensa.

– Falando nisso, te mandei o contato do meu primo ou algo assim um tempo atrás – diz Mara uma noite. Estamos no bar mais barato que conseguimos encontrar. Ela está em seu segundo drinque Midori Sour. – Você recebeu?

Ergo a sobrancelha.

– Por acaso foi a sequência aleatória de números que você me mandou por e-mail uns três dias atrás? Sem assunto, mensagem, nem qualquer explicação? Achei que você tinha sonhado com os números da loteria e quisesse só anotar em algum lugar.

– Aham, acho que foi isso, sim.

Sadie e eu trocamos um olhar demorado.

– Olha só, sua ingrata, eu tive que ligar pra umas quinze pessoas com quem jurei nunca mais falar pra conseguir o número do Ian. *Além disso*, tive que fazer a megera da minha tia-avó Delphina prometer obrigá-lo a aceitar o seu pedido pra se reunir com ele. Então é melhor usar esse número. E acho bom você jogar na loteria também.

– Se você ganhar – acrescenta Sadie –, dividimos por três.

– É claro. – Escondo meu sorriso com o copo. – Como ele é, afinal?

– Quem?

– O seu primo ou algo assim. Ian, é isso?

– Sim. Ian Floyd. – Mara reflete por um segundo. – Não sei dizer, porque estive com ele, tipo, duas vezes, em dias de Ação de Graças, uns quinze anos atrás, antes de os pais dele se separarem. Depois ele e a mãe se mudaram pro Canadá e… eu nem sei, na verdade. A única coisa que lembro é que ele era alto. Mas era alguns anos mais velho que eu, então talvez fosse só uma questão de perspectiva e ele tivesse só um metro de altura. Ah, o cabelo dele é mais pro castanho. O que é um pouco raro pra um Floyd. Sei que cientificamente não faz sentido, mas o nosso gene ruivo *não é* recessivo.

A manipulação emocional da tia-avó Delphina obviamente funcionou, porque, quando o prazo de entrega da tarefa se aproxima e eu mando uma mensagem para Ian Floyd em pânico, pedindo uma entrevista informativa – seja lá o que diabos isso for –, ele responde em poucas horas:

> Ian: Claro.
>
> Hannah: Obrigada. Imagino que você esteja em Houston. Fazemos uma chamada de vídeo? Por Skype? Zoom? FaceTime?
>
> Ian: Estou em Pasadena no LPJ pelos próximos três dias, mas pode ser por chamada de vídeo.

No Laboratório de Propulsão a Jato. Hum.

Bato os dedos no colchão, pensando. Por vídeo seria muito mais fácil. E mais rápido. No entanto, por mais que eu odeie a ideia de escrever o relatório para a disciplina de Helena, quero fazer milhões de perguntas para esse cara sobre o *Curiosity*. Além disso, ele é o parente misterioso de Mara e minha curiosidade está a mil.

Sem trocadilhos.

Hannah: Vamos nos encontrar pessoalmente. O mínimo que posso fazer é te pagar um café. Que tal?

Alguns minutos sem resposta. E então um muito sucinto "Pode ser". Por alguma razão, isso me faz sorrir.



Meu primeiro pensamento ao entrar na cafeteria é que Mara é a maior mentirosa.

O segundo é que eu deveria checar de novo a mensagem que Ian me enviou. E me certificar de que ele realmente disse que estaria vestindo calça jeans e camiseta cinza, como eu lembrava. Claro, seria um pouco óbvio, ainda mais porque na cafeteria onde ele sugeriu que nos encontrássemos há apenas três pessoas neste momento: um barista, ocupado fazendo sudoku usando papel e caneta como se estivéssemos em 2007; eu, parada na entrada, olhando em volta, confusa; e um homem, sentado à mesa mais próxima da entrada, olhando pensativo pelas janelas de vidro.

Ele está vestindo calça jeans e camiseta cinza, o que sugere: é Ian. O problema…

O cabelo dele é o problema. Porque, apesar do que Mara disse, aquele cabelo definitivamente *não é* castanho. Talvez um tom um tantinho mais escuro que o laranja-cenoura dela, mas… com certeza *não* é castanho. Estou quase digitando o número de Mara para exigir saber que escala ridícula de ruivo os Floyds usam quando o homem se levanta devagar e pergunta:

– Hannah?

Não faço ideia da altura de Ian, mas ele está muito mais perto de dois metros e meio do que de um metro. E acho muito interessante que Mara afirme mal conhecê-lo, considerando que eles parecem irmãos, não só pelo cabelo absurdamente ruivo, mas também pelos olhos azul-escuros e pelas sardas na pele pálida, e…

Eu pisco. Então pisco de novo. Se três segundos atrás alguém me perguntasse se eu sou do tipo que pisca várias vezes ao ver um cara, eu teria rido da pessoa. *Este* cara, porém…

Acho que preciso admitir que estava errada.

– Ian? – Sorrio, me recuperando da surpresa. – Primo da Mara?

Ele franze a testa, como se tivesse tido um branco ao ouvir o nome de Mara.

– Ah, sim. – Ele assente. Apenas uma vez. – Aparentemente, sim – acrescenta, o que me faz rir.

Ian espera que me sente em frente a ele antes de voltar para sua cadeira. Percebo que não estende a mão nem sorri. Interessante.

– Obrigada por aceitar se encontrar comigo.

– Sem problemas.

Sua voz é baixa porém clara. Um timbre profundo. Confiante. Educado mas não muito amigável. Em geral sou bastante boa em interpretar as pessoas, e meu palpite é que ele não está muito entusiasmado por estar aqui. Provavelmente preferia estar fazendo o que quer que tenha vindo fazer na Califórnia, mas ele é um cara bacana e pretende se esforçar para evitar que eu perceba isso.

Só que ele não parece ser muito bom em fingir, o que é… meio fofo.

– Espero não ter atrapalhado o seu dia.

Ele faz que não – uma mentira óbvia –, e aproveito a oportunidade para analisá-lo. Ele parece… tranquilo. O tipo caladão, distante, um pouco formal. Grande, com mais cara de lenhador que de engenheiro. Eu me pergunto se ele é militar, mas a barba de um dia por fazer me diz que é improvável.

Ele tem um rosto intrigante e bonito. Seu nariz parece ter sido quebrado em algum momento, talvez em uma briga ou uma competição esportiva, e nunca ter se recuperado perfeitamente. Seu cabelo – *ruivo* – é curto e um pouco despenteado, mais numa pegada *Estou trabalhando desde as seis da manhã* do que por estilo. Eu o observo coçar seu *imenso* pescoço, então cruzar os bíceps gigantescos sobre o peito *largo*. Ele me dirige um olhar paciente, com certa expectativa, como se estivesse totalmente empenhado em responder a todas as minhas perguntas.

Ele é fisicamente o oposto de mim. Dos meus ossos pequenos e da minha pele morena. Meu cabelo, meus olhos – talvez até a minha *alma* – são escuros feito buracos negros. E aqui está ele, vermelho-Marte e azul-oceano.

– Vai querer alguma coisa? – pergunta uma voz.

Eu me viro e dou de cara com o Garoto Sudoku parado ao lado da nossa mesa. Claro. É uma cafeteria. O lugar onde as pessoas consomem bebidas.

– Chá gelado, por favor.

Ele se afasta sem dizer uma palavra e olho para Ian mais uma vez. Estou louca para mandar uma mensagem para Mara. *Seu primo parece uma versão ligeiramente bombada do príncipe Harry. Talvez vocês devessem ter mantido contato.*

– Então... – Cruzo as mãos e apoio os cotovelos na mesa. – O que ela tem contra você?

Ele inclina a cabeça.

– Ela quem?

– A tia-avó Delphina. – Ele pisca duas vezes. Eu sorrio e continuo: – Tipo, é quinta-feira à tarde. Você está na Califórnia por alguns dias. Tenho certeza de que tem coisa melhor pra fazer do que se encontrar com a amiga de uma prima que não vê há séculos.

Seus olhos se arregalam por uma fração de segundo. Então sua expressão fica neutra outra vez.

– Não é um problema.

– É uma foto constrangedora de quando você era bebê?

Ele balança a cabeça.

– Eu não me importo de ajudar.

– Entendi. Um vídeo de quando você era bebê, então?

Ele fica em silêncio por um momento antes de falar:

– Como eu disse, não é um problema.

Ele parece não estar acostumado com as pessoas pressionando-o, o que não é de surpreender. Existe algo levemente arredio e intimidante nele. Como se não fosse *totalmente* acessível. Isso me faz querer chegar mais perto e cutucá-lo.

– Um vídeo de quando era bebê… correndo ao redor de uma piscininha infantil? Enfiando o dedo no nariz? Metendo a mão dentro da fralda?

– Eu…

O Garoto Sudoku traz meu chá gelado em um copo de plástico. Os olhos de Ian o acompanham por alguns segundos, depois voltam a encontrar os meus, com uma mistura interessante de resignação estoica.

– Eu era um pouco mais velho – diz ele cautelosamente, como se estivesse surpreendendo até a si mesmo.

– Ah. – Eu sorrio enquanto provo o chá. É muito doce e muito azedo. Com um sutil retrogosto de eca. – Conta tudo.

– Você não quer saber.

– Ah, com certeza quero.

– É péssimo.

– Você está me atiçando cada vez mais.

O canto esquerdo de sua boca se curva para cima, uma pequena pitada de diversão se esboçando. Tenho um estranho pensamento aleatório: *Aposto que o sorriso dele é torto. E bonito também.*

– O vídeo foi gravado numa Lowe's, aquela loja de casa e construção. Com a câmera novinha do meu irmão mais velho, em algum momento do final dos anos noventa – diz ele.

– Numa Lowe's? Não pode ser *tão* ruim, então.

Ele suspira, impassível.

– Eu tinha uns 3 ou 4 anos. E havia um daqueles mostruários de banheiro. Aqueles com pia, armário e chuveiro. E privadas, naturalmente.

Comprimo os lábios. Isso vai ser divertido.

– Naturalmente.

– Não me lembro exatamente do que aconteceu, mas parece que precisei usar o banheiro. E, quando vi o mostruário, fiquei… inspirado.

– Mentira.

– Em minha defesa, eu era muito novinho.

Ele coça o nariz, e eu dou risada.

– Meu Deus do céu.

– E não fazia ideia do que eram sistemas de esgoto.

– Sim. Claro. Normal. – Não consigo parar de rir. – Como a tia-avó Delphina conseguiu esse vídeo?

– Oficialmente não se sabe. Mas tenho quase certeza de que meu irmão gravou cópias em CDs. Mandou pra estações de TV locais e sei lá mais pra onde. – Ele faz um gesto vago com a mão, e vejo que seu antebraço é coberto de sardas e pelos ruivos. Quero agarrar seu pulso, segurá-lo na frente dos meus olhos, estudá-lo com calma. Observar, cheirar, tocar. – Faz uns vinte anos que não passo as datas festivas com o lado Floyd da família, mas me disseram que o vídeo é uma grande fonte de entretenimento pra todas as faixas etárias no Dia de Ação de Graças.

– Aposto que é a *pièce de résistance*. Que eles apertam o play logo depois de servirem o peru.

– É. Deve ser algo assim.

Ele parece calmamente resignado. Um homem adulto com um ar de

quem sofreu com o abuso mas sobreviveu. De uma forma encantadora.

– Mas como dá pra chantagear alguém com isso? Como a situação pode piorar?

Ele suspira de novo. Seus ombros largos se levantam e depois caem.

– Quando minha tia ligou, ela mencionou um possível post no Facebook. Marcando a página oficial da Nasa.

Quase engasgo e cubro a boca com a mão. Eu não deveria rir. Isso é horrível. Mas...

– Está falando sério?

– Não é uma família saudável.

– Não mesmo.

Ele dá de ombros, como se não se importasse.

– Pelo menos ainda não estão tentando me extorquir dinheiro.

– Que bom. – Assinto com seriedade e tento fazer uma expressão compassiva e respeitosa. – O relatório de que te falei é pra minha aula de Recursos Hídricos, então isso é surpreendentemente pertinente. E sinto muito mesmo que você tenha sido obrigado a se encontrar com a amiga da sua prima porque fez xixi em público dentro de uma Lowe's quando mal sabia falar.

Os olhos de Ian se fixam em mim, como se me avaliassem. Achei que estivesse recebendo toda a atenção dele desde o momento em que me sentei, mas percebo que estava errada. Pela primeira vez ele está olhando para mim como se estivesse interessado em realmente me *ver*. Ele me observa, me avalia, e minha primeira impressão dele – arredio, *distante* – evapora de imediato. Existe algo quase palpável em sua presença: uma sensação quente e formigante subindo pela minha coluna.

– Não me importo – diz ele de novo.

Sorrio, porque sei que desta vez ele fala sério.

– Ótimo. – Empurro meu chá para o lado. – Então, o que você estaria fazendo agora se aos 3 anos de idade soubesse o que são esgotos sanitários?

Desta vez, seu sorriso é um pouco mais definido. Estou conseguindo desarmá-lo, o que é bom, muito bom, porque estou desenvolvendo rapidamente um sentimento pelo contraste entre seus cílios (*ruivos!*) e seus olhos fundos (*azuis!*).

– Provavelmente estaria fazendo um monte de testes.

– No Laboratório de Propulsão a Jato?

Ele assente.

– Testes em…?

– Um rover.

– Ah. – Meu coração pula três batidas. – Exploração espacial?

– Marte.

Eu me inclino para mais perto, sem nem me dar ao trabalho de fingir que não estou loucamente interessada.

– Este é o seu projeto atual?

– Um deles, sim.

– E pra que servem os testes?

– Principalmente pra controle de atitude, descobrir onde a nave está posicionada no espaço tridimensional. Direcionamento também.

– Vocês mexem com giroscópio?

– Sim. Minha equipe está aperfeiçoando o giroscópio pra que, assim que estiver em Marte, o rover saiba onde está, pra onde está olhando. E pra informar os outros sistemas sobre suas coordenadas e seus movimentos também.

Meu coração agora está descompassado. Isso soa… Uau. Quase pornográfico. Exatamente o meu lance.

– E você faz isso em Houston? No Centro Espacial?

– Geralmente, sim. Mas venho aqui quando acontece algum problema. Tenho tido dificuldade com as imagens, e a atualização do feed continua atrasada, embora não devesse, e…

Ele balança a cabeça, como se estivesse se pegando no meio de um discurso que vem repetindo sem parar para si mesmo. Mas finalmente sei o que ele preferia estar fazendo.

E com certeza não o julgo por isso.

– Eles mandaram toda a sua equipe pra cá? – pergunto.

Ele inclina a cabeça, como se não fizesse ideia de aonde quero chegar com isso.

– Só eu.

– Então o chefe da sua equipe não está aqui.

– O chefe da minha equipe?

– Sim. Seu chefe está aqui?

Ele fica em silêncio por um segundo. Dois. Três. Quatro? O que… Ah.

– *Você* é o chefe da equipe – digo.

Ele assente uma vez. Um pouco rígido. Quase constrangido.

– Quantos anos você tem? – indago.

– Tenho 25. – Uma pausa. – Quer dizer, faço 25 no mês que vem.

Uau. Eu tenho 22.

– Não é cedo pra ser chefe de uma equipe?

– Eu… sei lá – responde ele, embora eu possa dizer que ele *sabe, sim,* e que ele *é* excepcional, e que, mesmo sabendo disso, a ideia o deixa meio desconfortável.

Eu me imagino flertando e fazendo um comentário inapropriado, tipo "Uau, bonito e ainda por cima inteligente", e me pergunto como ele reagiria. Provavelmente não muito bem.

Não que eu vá dar em cima do meu entrevistado. Até *eu* sei que não é uma boa ideia. Além disso, ele não faz o meu tipo.

– Bem, como é a segurança no LPJ? – questiono.

Nunca estive lá. Só sei que está vagamente vinculado ao Instituto de Tecnologia da Califórnia, mais nada.

– Depende – diz ele com cautela, como se ainda não conseguisse acompanhar minha linha de raciocínio.

– E a sua sala? Fica em uma área restrita?

– Não. Por que…

– Perfeito, então.

Eu fico de pé, procuro alguns dólares no bolso para deixar ao lado do meu chá inacabado e então fecho os dedos ao redor do pulso de Ian. Sua pele é quente e seus músculos estão tensos quando eu o puxo para se levantar, e, mesmo provavelmente sendo duas vezes maior e dez vezes mais forte do que eu, ele deixa que eu o leve para longe da mesa. Eu o solto no segundo em que saímos da cafeteria, mas ele continua me seguindo.

– Hannah? O que… Onde…?

– Não vejo por que não podemos fazer essa entrevista informativa esquisita, trabalhar um pouco *e* nos divertir.

– O quê?

Com um sorriso, olho para ele por cima dos ombros.

– Pense nisso como uma retaliação à sua tia-avó Delphina.

Duvido que ele entenda completamente, mas o canto de sua boca se curva outra vez, e isso é bom o suficiente para mim.



– Está vendo isso aqui? Tem a ver principalmente com o comportamento de um dos sensores do rover, o LN200. A gente combina as informações dele com as fornecidas pelos codificadores nas rodas pra entender o posicionamento.

– Ah. Então o sensor *não* funciona o tempo todo?

Ian se vira para mim, tirando os olhos do trecho do código de programação que está me mostrando. Estamos na frente do computador de três monitores, sentados lado a lado à sua mesa, uma bancada gigante e imaculada, com uma vista deslumbrante da planície aluvial em que o LPJ foi construído. Quando mencionei como seu espaço de trabalho era limpo, ele apontou que é apenas porque é uma estação para convidados. Mas, quando lhe perguntei se sua mesa em Houston é mais bagunçada do que aquilo, ele desviou o olhar antes que o canto dos lábios se contraísse.

Tenho quase certeza de que ele está começando a achar que não sou uma absoluta perda de tempo.

– Não, não funciona o tempo todo. Como você sabe?

Aponto na direção das linhas de código, e as costas da minha mão roçam algo duro e quente: o ombro de Ian. Estamos sentados mais perto do que estávamos na cafeteria, mas não mais perto do que eu me sentiria confortável em estar com um dos – sempre desagradáveis, muitas vezes ofensivos – caras que estudam comigo. Acho que meus joelhos cruzados meio que esbarraram em sua perna mais cedo, mas foi só isso. Nada de mais.

– Está aqui, não?

A seção está em C++. Por acaso, foi a primeira linguagem que aprendi sozinha no ensino médio, quando cada busca no Google por "habilidades + necessárias + Nasa" levava ao triste resultado "programação". Python veio em seguida. Depois SQL. E HAL/S. A cada linguagem que tentava estudar, eu começava convencida de que mastigar vidro seria melhor do que aquilo. Então, em algum ponto ao longo do caminho, passava a pensar em termos de funções, variáveis, laços condicionais. Um pouco depois, ler códigos se tornava um pouco como inspecionar o rótulo na parte de trás do frasco do condicionador durante o banho: não é particularmente divertido, mas no geral é fácil. Eu tenho mesmo *alguns* talentos, ao que parece.

– Sim. – Ele ainda está olhando para mim. Não exatamente surpreso. Não impressionado, tampouco. Intrigado, talvez? – Está, sim.

Apoio o queixo na palma da mão e mordo o lábio inferior, analisando o código.

– É por causa da quantidade limitada de energia solar?

– É.

– E aposto que evita erros de desvio do giroscópio durante o período estacionário.

– Correto.

Ele assente, e fico momentaneamente distraída pelo seu maxilar. Ou talvez seja pelas maçãs do rosto. São proeminentes, angulosas de um jeito que me faz desejar ter um transferidor no bolso.

– Não é tudo automatizado, certo? O pessoal que trabalha na base consegue direcionar as ferramentas?

– Sim, dependendo da atitude.

– O software de voo a bordo tem requisitos específicos?

– O direcionamento da antena em relação à Terra, e… – Ele para. Seus olhos recaem no meu lábio mordido, então se afastam rapidamente. – Você faz muitas perguntas.

Eu inclino a cabeça.

– Perguntas *ruins*?

Silêncio.

– Não. – Mais silêncio enquanto ele me observa. – Perguntas extremamente boas.

– Posso fazer mais algumas, então? – indago e sorrio para ele, quase atrevida, curiosa para ver aonde isso vai nos levar.

Ele hesita antes de assentir.

– Posso fazer algumas também?

Dou risada.

– Tipo o quê? Quer que eu liste as especificações do robô de resolução de labirintos que construí pra minha aula de Introdução à Robótica na faculdade?

– Você construiu um robô que resolve labirintos?

– Aham. Quatro rodas, apto pra qualquer terreno, bluetooth. Energia solar. O nome dela era Ruthie, e, quando eu a soltei em um milharal em algum lugar perto de Atlanta, ela saiu em cerca de três minutos. E ainda

assustava as criancinhas.

O sorriso dele é completo agora. Ele tem uma covinha de parar o trânsito na bochecha esquerda, e… Tá, tudo bem: ele é *bizarramente* gato. Apesar do cabelo ruivo, ou por causa dele.

– Você ainda tem a robô?

– Não. Pra comemorar, enchi a cara num bar que não verificava a identidade e acabei esquecendo a robô em alguma casa de fraternidade da Universidade da Geórgia. Eu não queria voltar lá, porque aqueles lugares são *assustadores*, então desisti da Ruthie e acabei construindo um braço eletrônico pra avaliação final da disciplina. – Suspiro e olho para o nada. – Vou precisar de muita terapia antes de ser mãe.

Ele ri. O ruído é baixo, quente, quase me deixa arrepiada. Levo um segundo para me recompor.

Entendi – em algum ponto da nossa caminhada de cinco minutos até aqui, provavelmente quando ele não hesitou em fazer cara feia para intimidar o segurança a me deixar entrar apesar de eu não ter crachá – o motivo pelo qual não consigo ter uma opinião formada sobre Ian. Ele é, em síntese, uma mistura nunca antes experimentada de fofo e esmagadoramente masculino. Tem um aspecto complexo, cheio de camadas, que ao mesmo tempo exala *Não enche o meu saco porque não estou para brincadeiras* e *Senhora, deixa que eu carrego essas sacolas para você.*

Ele não faz o meu tipo, não mesmo. Gosto de flertar, gosto de dar uns pegas, gosto de sexo, mas sou muito, *muito* exigente com meus parceiros. Não é preciso muita coisa para que eu perca o tesão em alguém, e me sinto atraída quase exclusivamente por pessoas alegres, espontâneas e que curtem se divertir. Gosto das extrovertidas que adoram bater papo e fazer graça. Ian parece ser o extremo oposto disso, e ainda assim… E ainda assim até *eu* consigo enxergar que tem algo fundamentalmente atraente nele. Será que eu tentaria ficar com ele em um bar? Hum. Não tenho certeza.

Será que vou tentar ficar com ele depois da entrevista? Hum. *Também* não tenho certeza. Sei que posso dizer que não, mas… as coisas mudam.

– Tá bem – digo. – Minha vez agora. Mara… Mara Floyd, sua prima ou algo assim… disse que você fez parte da equipe do *Curiosity*. É isso mesmo? – Ele assente. – Mas você tinha, o quê, 18 anos? – pergunto.

– Aham, por aí.

– Era estagiário?

Ele faz uma pausa antes de concordar com a cabeça, mas não diz mais nada.

– Então quer dizer que você… sei lá, por acaso conhecia o pessoal que comandava a missão? Ficava lá de boa com seus amigos do espaço enquanto eles pousavam um rover em Marte controlado remotamente?

Seus lábios se contraem.

– Eu era membro da equipe.

– Membro da equipe aos 18 anos?

Ergo uma sobrancelha e ele desvia o olhar.

– Eu… me formei cedo.

– Na escola? Ou na faculdade?

Silêncio.

– Nas duas.

– Sei.

Ian dá uma coçadinha na lateral do pescoço, e mais uma vez tenho a impressão de que ele não está muito acostumado a responder perguntas sobre si mesmo. Que a maioria das pessoas olha para ele, chega à conclusão de que é um cara pouco distante e inacessível demais e desiste de tentar entendê-lo.

Eu o observo, mais curiosa do que nunca.

– Então… você era uma daquelas crianças precoces que estavam sempre adiantadas vários anos na escola? E que acabou iniciando a vida profissional absurdamente jovem?

E talvez seu desenvolvimento psicossocial ainda estivesse em formação, mas você nunca compartilhava ambientes profissionais ou acadêmicos com gente da sua faixa etária, apenas com pessoas muito mais velhas que provavelmente te evitavam e se viam um pouco intimidadas pela sua inteligência e pelo seu sucesso, logo você se sentiu isolado ao longo de todos os seus anos de formação e abriu uma previdência privada antes de beijar na boca pela primeira vez?

Ele arregala os olhos.

– Eu… Isso. Você também era assim?

Dou risada.

– Ah, não, não. Eu era bem tapada. Ainda sou, na maior parte do tempo. Só desconfiei mesmo.

A personalidade bate também. Ele não parece inseguro, não exatamente, mas é cauteloso. Contido.

Eu me inclino para trás na cadeira, sentindo a emoção de tê-lo compreendido um pouco melhor. Geralmente não sou tão dedicada a desvendar a história das pessoas que conheço, mas Ian é interessante a esse ponto.

Não. Ele é *fascinante*.

– Então, como foi?

Ele apenas pisca.

– Como foi o quê?

– Estar lá na sala de comando quando o *Curiosity* pousou. Como foi?

Sua expressão se transforma instantaneamente.

– Foi…

Ele olha para os pés, como se estivesse se lembrando. Seu rosto expressa estupefação.

– Bom nesse nível?

– Sim. Foi… por aí.

Ele ri outra vez. Caramba, é muito bom ouvir a risada dele.

– Pareceu mesmo. Da TV, quero dizer.

– Você assistiu?

– Aham. Eu estava na Costa Leste, então fiquei acordada até tarde e tal. Olhei pro céu da janela do meu quarto e chorei um pouquinho.

Ian assente e fica me observando.

– Por isso que você foi fazer doutorado? Quer trabalhar em futuros rovers?

– Seria incrível – respondo. – Mas qualquer coisa que envolva exploração espacial já serve.

– A Nasa pode tirar proveito das suas habilidades de resolução de labirintos.

Sua covinha está de volta, e eu dou risada.

– Ei, eu sei fazer outras coisas. Tipo… – Aponto para o terceiro monitor sobre a mesa, o mais distante de mim. Ele exibe um trecho de código que Ian ainda não me mostrou. – Quer que eu te ajude a depurar isso? – Ele me lança um olhar confuso. – O que foi? É código. É sempre bom ter um segundo par de olhos.

– Você não precisa…

– Tem um erro na quinta linha.

Ele franze a testa. Depois passa os olhos pelo código por um segundo.

Então se vira para mim, depois para o monitor e para mim de novo com a testa ainda mais franzida. Eu me preparo, meio que esperando que ele assuma uma postura defensiva e negue o erro. Estou familiarizada com os egos frágeis dos homens e tenho certeza de que qualquer cara da minha turma de doutorado faria isso. Mas Ian me surpreende: ele assente, corrige o erro que apontei e parece apenas grato.

Uau. Um engenheiro homem que *não é* um babaca. Não deveria ser um atributo tão raro, mas, mesmo assim, estou impressionada.

– Está mesmo a fim de analisar o resto do código comigo? – pergunta ele desconfiado, me surpreendendo ainda mais. O contraste entre seu tom gentil e o fato de ele ser… *grande* e *reservado* quase me faz sorrir. – É o artifício pra corrigir o atraso de dois segundos na questão do direcionamento. Eu ia pedir pra um dos meus engenheiros em Houston depurar, mas…

– Deixa comigo.

Arrasto a cadeira para mais perto de Ian. Meu joelho encosta no dele, e eu quase o afasto automaticamente, mas, em uma decisão de fração de segundo, decido não movê-lo.

Uma espécie de experimento. Avaliando o terreno. Medindo a temperatura.

Fico esperando que Ian se afaste, mas, em vez disso, ele me analisa e diz:

– São algumas centenas de linhas. Eu que deveria estar ajudando *você*. Tem certeza…

– Tudo bem. Quando eu escrever meu relatório, vou fingir que fiz um monte de perguntas sobre a sua trajetória profissional e inventar as respostas. – Só para implicar com ele, acrescento: – Não se preocupa, vou mencionar que o fato de você ter gonorreia não atrapalhou seu caminho rumo à Nasa.

Ele fecha a cara, o que me faz rir, e então começamos a repassar o código juntos. Por cinco, dez minutos. Quinze. A luz suaviza para tons de fim de tarde, e mais de uma hora se passa enquanto estamos lado a lado, diante dos monitores.

O que acontece é basicamente uma "depuração com pato de borracha": ele explica em voz alta o que está tentando fazer, algo que o ajuda a desvendar as partes mais críticas e também descobrir maneiras melhores de fazer isso. Mas eu sou um pato de borracha muito feliz. Gosto de ouvir sua voz baixa e equilibrada. Gosto do fato de ele parecer levar em consideração cada coisa que eu digo e de nunca descartar nada de cara. Gosto de vê-lo

fechar os olhos quando está concentrado, seus cílios formando meias-luas vermelhas contra sua pele. Gosto que ele construa códigos meticulosamente puros sem vazamento de memória e gosto que, quando seus bíceps roçam no meu ombro, tudo que eu sinta seja um calor intenso. Gosto das funções curtas e concisas e de seu cheiro de limpeza, masculino e um pouco misterioso.

Tá bem. Ele *não faz* o meu tipo.

Mas eu gosto dele.

Será que Mara se importaria se eu desse em cima do parente dela na entrevista informativa que ela descolou para mim com tanta boa vontade? Geralmente eu nem pensaria duas vezes, mas essa coisa de amizade pode ser um fardo. Dito isso, talvez possa presumir que ela não vai se importar, considerando que parece nem saber direito o grau de parentesco com Ian.

Além do mais, ela é uma pessoa generosa. Iria gostar que sua amiga e seu primo ou algo assim transassem.

– Você foi designado aleatoriamente pra equipe de Estimativa de Atitude e Posicionamento? – pergunto a ele quando chegamos às últimas linhas de código.

– Não. – Ele solta uma risada breve. Seu perfil é quase uma obra de arte, mesmo com o nariz quebrado. – Na verdade eu ralei pra entrar lá.

– Ah, é?

Ele salva e fecha nosso trabalho com alguns cliques rápidos no teclado.

– No caso do *Curiosity*, entrei pra equipe quando o estágio de desenvolvimento já estava bem avançado e me concentrei principalmente no lançamento.

– Você gostou?

– Muito. – Ele ajeita a cadeira para me encarar. Nossos joelhos, cotovelos e ombros já se roçaram tanto que a proximidade me parece natural a essa altura. Assim como o nervosismo na barriga. – Mas depois disso comecei a trabalhar no *Perseverance* e pedi pra mudar um pouco. Pra algo que se relacionasse de verdade com o rover em Marte, em vez de simplesmente passar três horas em cabo Canaveral.

– Foi aí que eles te colocaram na EAP?

– Primeiro, eu me juntei à expedição análoga da Nasa que estava acontecendo na Noruega.

Respiro fundo, fazendo um ruído, e indago:

– A Amase?

A Expedição Análoga Ártico-Marciana em Svalbard (ou Amase, para os íntimos) é o que acontece quando um bando de nerds viaja para a Noruega, na região de Bockfjorden, no arquipélago de Svalbard. Alguém pode achar que o polo Norte não tem nada a ver com o espaço, mas, por causa de toda a atividade vulcânica e das geleiras, ele é, na verdade, o lugar da Terra mais semelhante a Marte. Tem até esférulas de carbonato únicas quase idênticas às que encontramos em meteoritos de origem marciana. Os pesquisadores da Nasa gostam de usá-lo como local para testar a funcionalidade do equipamento que planejam enviar em missões de exploração espacial, coletar amostras, examinar questões científicas que podem preparar os astronautas para futuras expedições espaciais.

Eu quero tanto fazer parte disso que me sinto arrepiar.

– Sim. Quando voltei, pedi uma vaga na EAP, que aparentemente era muito disputada. A ponto de o líder da missão mandar um e-mail pra Nasa inteira perguntando se a gente estava achando que receberia salário dobrado e cerveja grátis.

– Vocês recebiam?

O olhar que ele me dirige me faz rir. Ele é absurdamente hilário, sempre cai na pilha.

– Por que todo mundo queria fazer parte dessa equipe, afinal? – questiono.

Ele dá de ombros.

– Não sei. Imagino que por ser desafiador. Muitos projetos de alto risco e alta recompensa. Mas pra mim era… – Ele olha pela janela, para uma árvore de bordo no campus do LPJ. Na verdade, não: talvez esteja olhando para cima. Para o céu. – Parecia só…

Ele se detém, como se não tivesse certeza de como continuar.

– O mais próximo possível de estar em Marte de verdade? Com o rover? – completo.

Seus olhos voltam para mim.

– Sim. – Ele parece surpreso. Como se eu conseguisse colocar algo indescritível em palavras. – Sim, exatamente isso.

Eu assinto, porque entendo. A ideia de ajudar a construir algo que explore Marte, a ideia de poder controlar para onde isso vai e o que faz… me provoca essa sensação também.

Ian e eu nos olhamos por alguns segundos em silêncio, ambos sorrindo levemente. É tempo suficiente para a ideia que estava quicando na minha cabeça se solidificar de uma vez por todas.

É, vou arriscar. *Desculpa, Mara. Eu gosto um pouco demais do seu primo ou algo assim para perder essa chance.*

– Tá, eu tenho uma pergunta pra você sobre a sua carreira. Pra recuperar a utilidade da nossa entrevista informativa.

– Manda.

– Então, eu termino o doutorado. O que deve me exigir mais uns quatro anos.

– É um bom tempo – diz ele, em um tom indecifrável.

Sim, parece uma eternidade.

– Não é *tanto* tempo. Então, eu termino o doutorado e decido que quero trabalhar na Nasa, e não pra algum bilionário excêntrico que trata a exploração espacial como uma maneira de compensar o tamanho do pênis.

Ian assente.

– Uma atitude sensata.

– O que me faria parecer uma candidata forte? O que um bom portfólio precisa conter?

Ele reflete um pouco.

– Não tenho certeza. Na minha equipe, eu contrataria internamente. Mas acho que ainda tenho o meu portfólio no meu notebook antigo. Posso te mandar.

Ótimo. Perfeito. Excelente.

A abertura pela qual eu estava esperando.

Minha frequência cardíaca acelera. Sinto um calorzinho no baixo-ventre. Eu me inclino para a frente com um sorriso, sentindo que finalmente estou chegando aonde quero. Isso aqui é o que eu faço melhor. Dependendo de como estou ocupada com os estudos, o trabalho ou as séries de drama coreanas, faço isso uma vez por semana, o que garante certa prática.

– De repente eu posso ir pra sua casa – digo, encontrando o ponto ideal entre comicamente sugestivo e *Vamos ficar juntos pra jogar* Cartas Contra a Humanidade. – E aí você me mostra.

– Eu quis dizer… em Houston. O meu notebook está em Houston.

– Como assim você *não* trouxe o seu notebook de 2010 pra Pasadena?

Ele sorri.

– Sabia que tinha esquecido alguma coisa.

– Parece que sim. – Olho nos olhos dele. Chego um centímetro mais perto. – Então talvez eu possa ir pra sua casa mesmo assim, pra gente fazer outra coisa.

Ele me dirige um olhar meio confuso.

– Fazer o quê?

Eu comprimo os lábios. *Tá. Talvez eu tenha superestimado minhas habilidades de sedução. Será? Acho que não.*

– Jura? – pergunto, achando graça. – Sou *tão* ruim assim?

– Desculpa, não estou entendendo. – A expressão de Ian mostra que ele está completamente atordoado, como se eu de repente tivesse começado a falar com sotaque australiano. – Ruim em quê?

– Em dar em cima de você, Ian.

Consigo identificar o momento preciso e exato em que o significado das minhas palavras é assimilado pela área de seu cérebro responsável pela linguagem. Ele pisca algumas vezes. Em seguida, seu imenso corpo fica retesado e vibrante, como se seu software interno estivesse passando por um conjunto imprevisível de atualizações.

Ele parece *encantadoramente* confuso, e algo me ocorre: eu já puxei esse tipo de conversa cheia de segundas intenções com dezenas de homens e mulheres em festas, bares, lavanderias, academias, livrarias, seminários, corridas de obstáculos na lama, estufas... e *ninguém* nunca ficou tão perdido. Ninguém. Então, talvez ele esteja apenas *fingindo* não entender. Talvez esteja esperando que eu recue.

Merda.

– Desculpa. – Eu me endireito e movo a cadeira para trás, dando-lhe alguns centímetros de espaço. – Estou te deixando desconfortável.

– Não. Não, eu… – Ele finalmente está reiniciando. Balançando a cabeça. – Não, você não está, eu só fiquei…

– Meio assustado? – Sorrio de forma tranquilizadora, tentando sinalizar que está tudo bem. Eu consigo lidar com um não. Sou bem grandinha. – Tranquilo. Vamos esquecer que eu disse qualquer coisa. Mas me manda seu portfólio por e-mail quando voltar pra casa, por favor. Prometo não responder com nudes não solicitados.

– Não, não é isso… – Ele fecha os olhos e pressiona a ponte do nariz. Suas maçãs do rosto parecem mais rosadas do que antes. Seus lábios se movem,

tentando por alguns segundos formar palavras, até que ele conclui: – Foi só… inesperado.

Ah. Inclino a cabeça para o lado.

– Por quê?

– Porque sim. – Ele engole em seco e aponta para mim com sua mão imensa. – Tipo… olha pra você.

Eu olho de fato. Olho para mim mesma, observando minhas pernas cruzadas, meu short cáqui, minha camiseta preta lisa. Meu corpo está em sua condição habitual: alto, um pouco magricela, pele morena. Até raspei as pernas hoje de manhã. Talvez. Não consigo me lembrar. A questão é: parece tudo bem comigo.

– Acho que sou bem razoável – digo, o que deveria soar confiante, mas parece um pouco petulante.

Não é que eu me ache supergata, mas me recuso a me sentir insegura em relação à minha aparência. Gosto de mim mesma. Historicamente, as pessoas com quem eu quis transar também gostavam de mim. Meu corpo exerce sua função de meio para atingir um fim. Ele me permite passear de caiaque pelos lagos da Califórnia sem sentir dores musculares no dia seguinte e digere lactose como se fosse uma modalidade olímpica. É só o que importa.

Mas a resposta dele é:

– Não é razoável…

Ai, não.

– Sério? – Meu tom é gélido. Por acaso Ian Floyd está tentando insinuar que ele é areia demais pro meu caminhãozinho? Porque, se for isso, eu *vou* dar um tapa na cara dele. – Sou o quê, então?

– É só que… – Ele engole em seco outra vez. – Eu… Mulheres como você geralmente não…

– Mulheres *como eu*. – Uau. Parece que vou ter mesmo que dar um tapa nele. – O que isso quer dizer? Porque…

– Linda. Você é muito, *muito* linda. Provavelmente a mais… E é obviamente inteligente e engraçada, então… – Ele me lança um olhar impotente, de repente parecendo menos um gênio chefe de equipe da Nasa forte feito um cedro e mais… infantil. Jovem. – Isso é uma pegadinha?

Eu o observo com os olhos semicerrados, revisando minha avaliação anterior. Talvez minhas conclusões tenham sido precipitadas e é, sim, possível que alguém seja tão ingênuo assim.

Ian, por exemplo. Ian, que provavelmente poderia ganhar um bom dinheiro como modelo fotográfico, com as hashtags "gostoso", "ruivo" e "forte". Eu vi cerca de quatro pessoas dando uma conferida nele no caminho para cá, mas ele parece não fazer ideia de que poderia ser cotado pelos fãs de Harry Potter para interpretar um dos irmãos Weasley – o bonitão, é claro. Absolutamente zero consciência de quão espetacular é.

Sorrio, de repente encantada.

– Posso te fazer uma pergunta? – Eu me aproximo e não tenho certeza de quando isso aconteceu, mas ele ajustou a cadeira de modo que meus joelhos acabassem encaixados entre os dele. Curti. – É um pouco ousada.

Ele olha para nossas pernas se tocando e assente. Como de costume, apenas uma vez.

– Posso te dar um beijo? Tipo, agora?

– Eu…

Ele me encara. Em seguida, pisca. Depois murmura algo que não é uma palavra.

Meu sorriso se alarga.

– Isso não é um não, é?

– Não. – Ele balança a cabeça. Seus olhos estão fixos nos meus lábios, o preto de suas pupilas engolindo o azul. – Não é.

– Então tá bem.

É bem simples: eu me levanto e me inclino na direção dele. Minhas palmas encontram os braços da cadeira dele e eu me apoio nelas, e por um longo instante fico ali, encurralando aquele homem do tamanho de um urso que poderia me afastar com o dedo mindinho, mas não o faz. Em vez disso, ele olha para mim como se eu fosse linda, maravilhosa e inspiradora, como se eu fosse um presente, como se ele estivesse um pouco perplexo.

Como se ele *realmente* quisesse que eu o beijasse. Então me aproximo um último centímetro e lhe dou um beijo. E é…

Meio estranho, para ser sincera. Não é ruim. Só um pouco inseguro. Seus lábios se abrem em um suspiro quando tocam os meus, e, por uma fração de segundo, um pensamento aterrorizante me atravessa.

É o primeiro beijo dele. Será? Ah, meu Deus, é o primeiro beijo dele. Estou realmente participando do primeiro beijo de…

Ian inclina a cabeça, pressiona a boca contra a minha, e isso destrói minha linha de raciocínio. Não tenho certeza de como ele consegue, mas o

que quer que esteja fazendo com seus lábios e dentes parece intensa e violentamente certo. Dou um gemido quando sua língua encontra a minha. Ele grunhe em resposta, um ruído estrondoso e profundo vindo de sua garganta.

Tá. Isso não é um primeiro beijo. Isso é uma baita de uma obra-prima.

Ele provavelmente tem noventa quilos de músculos e eu não faço ideia se a cadeira aguenta nós dois, mas decido viver perigosamente: monto no colo de Ian, sentindo sua inspiração profunda vibrar pelo meu corpo. Por um segundo, nossos lábios se separam e seus olhos grudam nos meus, como se estivéssemos esperando que cada peça de mobília da sala desintegrasse. Mas pelo jeito o LPJ investe em móveis robustos.

– *É isso* que eu chamo de alto risco e alta recompensa – digo, e estou surpresa com minha súbita falta de fôlego.

A sala está silenciosa, banhada numa luz quente. Solto uma única risada trêmula e percebo onde está a mão de Ian: pairando um centímetro acima da minha cintura. Quente. Ansiosa. Pronta para atacar.

– Posso…? – pergunta ele.

– Aham. – Dou risada sem tirar os lábios dos dele. – Você *pode* me tocar. É exatamente esse o objetivo de…

Não consigo concluir, porque, no segundo em que ele recebe minha permissão, suas mãos estão por toda parte: uma na minha nuca, aproximando meus lábios dos dele; a outra na parte inferior das minhas costas. No momento em que o meu peito pressiona o dele, Ian emite outro daqueles ruídos baixos e ásperos, mas dez vezes mais profundo, como se viesse do âmago. Sinto sua barba por fazer, seu corpo quente e pesado, e pelo canto dos meus olhos vejo apenas vermelho, vermelho, *muito vermelho.*

– Estou *apaixonada* pelas suas sardas – murmuro, pouco antes de beliscar uma no queixo dele. – Senti vontade de lamber todas elas no momento em que te vi.

Sigo com a boca até sua orelha. Ele solta o ar com força.

– Quando eu te vi, eu… – gagueja ele enquanto dou um chupão no seu pescoço. – Achei que você era bonita demais – conclui, ofegante.

Suas mãos estão viajando por baixo da minha blusa, subindo pelas minhas costas, traçando cautelosamente as linhas do meu sutiã. Ele tem um cheiro magnífico: limpo, sério e quente.

– Bonita demais pra quê?

– Pra tudo. Bonita demais até pra se olhar. – Ele aperta minha cintura com mais força. – Hannah, você…

Estou roçando minha virilha contra a dele. O que provavelmente é a razão pela qual nós dois ofegamos como se estivéssemos correndo uma maratona. E, em minha defesa, eu realmente esperava que rolasse só um beijo, mas aí... Não. Eu não vou parar, e, a julgar pela forma como seus dedos mergulham na parte de trás do meu short para agarrar a minha bunda e me apertar mais ainda contra o seu pau duro, ele também não está pretendendo parar.

– Alguém mais usa esta sala? – pergunto.

Eu não sou tímida, mas isso é… bom. Bom num nível "sem interrupções, por favor", "não quero esperar até chegarmos em casa" e "vou gozar em dois minutos".

Ele faz que não com a cabeça, e eu poderia chorar de felicidade, mas não tenho tempo. É como se antes estivéssemos só brincando e agora o negócio tivesse ficado sério. Mal estamos nos beijando, descoordenados, sem foco, apenas nos esfregando um contra o outro, e eu me concentro na sensação do corpo dele contra o meu, no prazer de estar tão perto, de ter sua ereção entre as minhas pernas enquanto fazemos barulhos obscenos e sussurrantes, enquanto nós dois tentamos nos grudar mais, ter mais contato, pele, calor, atrito, atrito, atrito, eu preciso de *mais atrito…*

– *Merda*.

Não estou conseguindo *o suficiente*. Não é uma boa posição, eu odeio essa cadeira idiota, e isso está me deixando *louca*. Solto um gemido alto e enfurecido e afundo meus dentes no pescoço dele, como se eu fosse feita de calor e frustração, e…

De alguma forma, Ian sabe exatamente do que eu preciso. Porque se levanta da maldita cadeira com um abafado "Tudo bem, tudo bem, deixa comigo". Ele me carrega colada ao seu corpo e faz algo que tecnicamente poderia ser qualificado como dano à propriedade da Nasa para abrir espaço suficiente para nós dois. Um segundo depois estou sentada na mesa, e de repente nós dois podemos nos mexer como queremos. Ele abre minhas pernas com a palma das mãos e coloca a própria perna entre elas, e…

Finalmente. O atrito é… Isso é exatamente o que eu queria, exatamente do que eu *precisava*…

– Isso – solto com um suspiro.

– Assim?

Nem preciso mover os quadris. Sua mão desliza para baixo para agarrar a minha bunda, e de alguma forma ele sabe exatamente como me posicionar, como a costura do meu short pode roçar meu clitóris.

– Tá bom assim? – pergunta ele de novo.

Sinto seu pau duro feito pedra e emito grunhidos constrangedores e suplicantes contra o pescoço dele, murmurando como isso é bom, como vou fazer o mesmo por ele quando finalmente transarmos, como vou fazer *o que ele quiser…*

– Para – diz ele ofegante contra a minha boca, urgente, um pouco desesperado. – Você precisa ficar quieta, ou eu vou… Eu quero só…

Dou uma risada esganiçada e abafada contra sua bochecha. Minhas coxas estão começando a tremer. Sinto como se um líquido quente estivesse inchando meu abdômen.

– Quer… *ah…* quer o quê?

– Eu só quero fazer você gozar.

Isso me leva ao limite. A algo que não é nada parecido com o meu orgasmo habitual. Costumam começar como pequenas fraturas e, lenta e gradualmente, se aprofundam em algo gostoso e relaxante. São divertidos, bem divertidos, mas esse… esse prazer aqui é repentino e violento. Ele se estilhaça em mim como uma explosão maravilhosa e terrível, nova, assustadora e fantástica, e continua, como se cada um daqueles segundos deliciosos e de parar o coração estivessem sendo espremidos para fora de mim. Fecho os olhos com força, agarro os ombros de Ian e solto um gemido no pescoço dele, ouvindo o abafado "Caralho, *caralho*" que ele murmura na minha clavícula. Eu tinha certeza de que sabia do que meu corpo era capaz, mas isso parece ter alcançado um novo patamar.

E, de alguma forma, além de saber exatamente como me levar até lá, Ian também sabe quando parar. No exato momento em que aquilo tudo se torna insuportável, seus braços se apertam ao meu redor e sua coxa se torna um peso sólido e imóvel entre as minhas. Eu envolvo o pescoço dele com meus braços, escondo o rosto e espero meu corpo se recuperar.

– Nossa – digo. Não me lembro de ter ouvido minha voz tão rouca assim antes. Há um teclado sem fio no chão, cabos pendurados ao lado da minha coxa, e, se eu me mover um centímetro para trás, vou destruir um monitor, talvez dois. – Nossa – repito.

Deixo escapar uma risada sem fôlego contra a pele dele.

– Tá tudo bem? – pergunta ele, afastando-se para fitar os meus olhos.

Suas mãos estão levemente trêmulas nas minhas costas. Porque, suponho, eu gozei. E ele, não. O que é muito injusto. Acabei de ter um orgasmo que mudou a minha vida e não consigo me lembrar sequer do meu próprio nome, mas mesmo nesse estado consigo entender a injustiça de tudo isso.

– Eu estou… ótima. – Rio de novo. – E você?

Ele sorri.

– Eu estou muito bem, pra ser…

Deslizo minha mão entre nós dois, a palma contra a frente da calça jeans dele, e sua boca se fecha.

Tá. Então ele tem um pau grande. O que não é surpresa para ninguém. Este homem vai ser incrível na cama. Fenomenal. O melhor sexo que já fiz com um cara. E eu transei *um bocado*.

– O que você quer? – pergunto. Seus olhos estão escuros, perdidos. Cubro o pau duro com a mão, esfrego a palma ao longo de toda a sua extensão, arqueio as costas para sussurrar na sua orelha: – Posso te chupar?

O som que Ian emite é áspero e gutural, e levo cerca de três segundos para perceber que ele já está gozando, gemendo contra a minha pele, prendendo minha mão entre nossos corpos. Eu o sinto estremecer, e ter este homem enorme se desintegrando contra mim, totalmente perdido e indefeso diante do próprio prazer, é de longe a experiência mais erótica de toda a minha vida.

Quero levá-lo para a cama. Quero horas, *dias* com ele. Quero fazê-lo se sentir do jeito que ele está se sentindo agora, porém cem vezes mais intenso, cem milhões de vezes mais.

– Desculpa – diz ele.

– O quê? – Eu me inclino para trás para encará-lo. – Por quê?

– Isso foi… lamentável.

Ele me puxa de volta para enterrar o rosto no meu pescoço. Depois me dá uma lambida e uma mordida, e, ai, meu Deus, o sexo vai ser fora do comum. De abalar as estruturas.

– Foi incrível – afirmo. – Temos que fazer isso de novo. Vamos pra minha casa. Ou vamos só trancar a porta.

Ele ri e me beija, diferente de antes, de forma profunda mas gentil e carinhosa, e… não é de fato, pela minha experiência, o tipo de beijo que as

pessoas compartilham *depois* do sexo. Pela minha experiência, depois de transar as pessoas se limpam, se vestem, dão um tchauzinho e vão à Starbucks mais próxima comer uma fatia de bolo. Mas isso aqui é ótimo, porque o beijo de Ian é excelente, e ele tem um *cheiro* bom, ele tem um *gosto* bom e…

– Posso te levar pra jantar? – pergunta ele contra os meus lábios. – Antes de nós…

Faço que não com a cabeça. As pontas de nossos narizes roçam uma na outra.

– Não precisa.

– Eu… eu gostaria, Hannah.

– Não. – Eu o beijo novamente. Uma vez. Um beijo profundo. Glorioso. – Eu não faço isso.

– Você não faz – outro beijo – o quê?

– Sair pra jantar. – Beijo. Mais um. – Bem – prossigo –, eu como. Mas não saio pra jantar.

Ian se afasta com uma expressão curiosa.

– Por que você não sai pra jantar?

– Eu só… – Dou de ombros, desejando que ainda estivéssemos nos beijando. – Eu não gosto de encontros.

– Tipo, em hipótese nenhuma?

– Não. – De repente ele se retrai de novo, então sorrio e acrescento: – Mas eu vou adorar ir pra sua casa mesmo assim. A gente não precisa estar saindo pra fazer isso, certo?

Ele dá um passo para trás – um passo grande, como se quisesse colocar algum espaço físico entre nós. A parte da frente de sua calça jeans está… uma bagunça. Eu quero limpá-lo.

– Por que… por que você não gosta de encontros?

– Sério? – Dou risada. – Você quer ouvir sobre meus traumas socioemocionais depois de a gente fazer – aponto de mim para ele – *isso*?

Ele faz que sim com a cabeça, sério e um pouco retraído, e eu volto a mim.

Oi? Ele quer mesmo isso? Quer que eu explique que realmente não tenho tempo nem disponibilidade emocional para qualquer tipo de envolvimento romântico? Que não consigo imaginar uma pessoa querendo ficar comigo por algum motivo que não seja sexo depois que ela me conhece a fundo? Que

há muito percebi que quanto mais tempo as pessoas passam comigo, mais provável é que descubram que não sou tão inteligente quanto elas acham, tão bonita, tão engraçada? Sinceramente, *sei* que a melhor coisa a fazer é manter as pessoas longe, para que nunca descubram como eu sou de verdade. Isso, no final das contas, me torna um pouco escrota. Não sou boa nesse lance de me *importar com*… qualquer coisa, na realidade. Levei cerca de uma década e meia para encontrar algo pelo que de fato me apaixonasse. Esse experimento de amizade que estou fazendo com Mara e Sadie ainda não passa disso, de um experimento, e…

Ah, meu Deus. O Ian quer *namorar*? Ele nem *mora* aqui.

– Então você está dizendo… – Coço as têmporas, meu prazer pós-orgasmo se esvaindo rapidamente. – Está dizendo que não está interessado em transar?

Ele fecha os olhos de um modo que *realmente* não parece um não. *Definitivamente* não parece falta de interesse. Mas o que ele diz é:

– Eu gosto de você.

Dou risada.

– Percebi.

– É… incomum. Pra mim. Gostar tanto de alguém.

– Eu também gosto de você. – Dou de ombros. – A gente devia passar um tempo juntos, então. Isso não é bom o suficiente?

Ele desvia o olhar. Para baixo, para os sapatos.

– Se eu passar mais tempo com você, só vou gostar de você ainda mais.

– Que nada. – Solto uma risada nasalada. – Não é assim que funciona normalmente.

– É, sim. Pra mim é.

Ele soa tão convicto que não posso fazer nada além de encará-lo. Seus lábios estão vermelhos, e tudo nele é lindo, e ele parece tão quieto, tão arrasado com a ideia de fazer sexo sem compromisso comigo que eu deveria achar isso cômico, mas a verdade é que não consigo me lembrar de me sentir tão atraída assim por alguém, e meu corpo está *vibrando* pelo dele, e…

Talvez você possa sair com ele. Só desta vez. Uma exceção. Talvez você possa experimentar. Talvez possa funcionar. Talvez vocês dois…

O quê? Não. *Não*. Como assim? Só o fato de estar pensando nisso me assusta absurdamente. Não. Eu não… eu não sou assim. Essas coisas são um desperdício de tempo e energia. Sou muito ocupada. Não combina comigo.

– Desculpa – me forço a dizer. Não é sequer mentira. Estou realmente lamentando isso tudo agora. – Não acho uma boa ideia.

– Tá bem – diz ele depois de um longo instante. Rendendo-se. Um pouco triste. – Tá bem. Se… se você mudar de ideia... sobre o jantar... me fala.

– Tá. – Assinto. – Quando você vai embora? Qual é o meu prazo? – acrescento, tentando trazer alguma leveza à conversa.

– Não importa. Eu posso… Eu venho muito pra cá, e… – Ele balança a cabeça. – Você pode mudar de ideia quando quiser. Não tem prazo.

Ah.

– Bom, se *você* mudar de ideia sobre transar…

Ele solta uma risada, que soa um pouco como um gemido de dor, e por um momento sinto uma vontade súbita de me explicar. Quero dizer a ele: "Não é você, sou eu." Mas sei como isso soaria e que pareceria só da boca para fora. Então nos olhamos por alguns segundos, e então… então não há mais nada a dizer, certo? Meu corpo age automaticamente. Desço da mesa, paro um momento para endireitar os monitores atrás de mim, o mouse, os teclados, o cabo, e, quando passo por Ian em direção à porta, ele me segue com o olhar sério e triste, passando a palma da mão no queixo.

As últimas palavras que ouço dele são:

– Foi muito bom te conhecer, Hannah.

Acho que devo dizer que sinto o mesmo, mas tem um peso desconhecido no meu peito, logo não consigo. Então me contento com um pequeno sorriso e um aceno sem entusiasmo. Enfio as mãos nos bolsos enquanto meu corpo ainda está pulsando com o que deixei para trás e caminho lentamente de volta ao campus do instituto, pensando em cabelos ruivos e oportunidades perdidas.

Naquela noite, quando recebo um e-mail de ianfloyd@nasa.gov, meu coração dispara. Mas é apenas um e-mail vazio, sem texto, nem mesmo uma assinatura automática. Apenas um anexo com o portfólio que ele mandou para a Nasa alguns anos atrás, junto com os de algumas outras pessoas. Esses são mais recentes, e ele deve ter recebido de amigos e colegas.

É isso.

Ele vai ser um ótimo namorado, digo a mim mesma, recostando-me na cama e olhando para o teto. Tem uma coisa verde estranha em um canto que suspeito ser mofo. Mara está sempre dizendo que eu deveria sair desta espelunca e alugar uma casa com ela e Sadie, mas sei lá, tenho a impressão de

que ficaríamos próximas *demais*. Um grande compromisso. Pode ser confuso. *Ele vai ser um ótimo namorado. Para alguém que merece ter um.*

No dia seguinte, quando Mara me pergunta sobre a reunião com seu primo ou algo assim, digo apenas "Foi tranquila", nem sei por quê. Não gosto de mentir, muito menos para alguém que está rapidamente se tornando uma amiga, mas não consigo dizer mais que isso. Duas semanas depois, entrego o relatório para a disciplina de Recursos Hídricos com uma reflexão.

Devo admitir, Dra. Harding, que a princípio pensei que esta tarefa seria uma completa perda de tempo. Há anos sei que gostaria de ir para a Nasa e que queria trabalhar com robótica e exploração espacial. No entanto, depois de conhecer Ian Floyd, percebi que adoraria trabalhar, especificamente, na equipe de Estimativa de Atitude e Posicionamento dos rovers em Marte. Em suma: não foi perda de tempo, ou pelo menos não em sua totalidade.

Fico com 9 na matéria. E, nos anos seguintes, não me permito pensar muito em Ian. Mas, sempre que assisto às gravações de vídeo da sala de controle comemorando o pouso do *Curiosity*, não consigo deixar de procurar pelo homem alto e ruivo no fundo da sala. E, sempre que o encontro, sinto o fantasma de algo se apertar dentro do meu peito.



Capítulo Três

Arquipélago de Svalbard, Noruega

PRESENTE

– Eles disseram que não havia como enviar socorristas!

O ar que sai de minha boca, seco e branco, embaça o exterior preto do meu telefone via satélite. Porque em fevereiro a temperatura em Svalbard fica bem abaixo de zero grau Celsius. Assustadoramente perto de zero grau Fahrenheit também, e esta manhã não é exceção.

– Disseram que era muito perigoso – prossigo –, que os ventos são muito fortes.

Como que para provar o que digo, um ruído entre um assobio e um uivo atravessa o que comecei a considerar a *minha crevasse*.

E no que diz respeito a ficar presa em uma crevasse, essa até que não parece das piores. É relativamente pouco profunda. A parede oeste é bem

inclinada, apenas o suficiente para permitir que a luz do sol entre, o que deve ser a única razão pela qual ainda não morri congelada nem tive nenhuma queimadura de frio horrorosa. A desvantagem, porém, é que nesta época do ano temos apenas cerca de cinco horas de luz por dia. E elas estão prestes a chegar ao fim.

– O risco de avalanche está no nível mais alto, e não é seguro pra ninguém vir aqui me resgatar – acrescento, falando bem perto do microfone do aparelho.

Estou repetindo o que o Dr. Merel, líder da minha equipe, me disse algumas horas atrás, durante minha última comunicação com a Amase, a base da Nasa aqui na Noruega. Foi logo antes de ele lembrar que fui eu que escolhi isso. Que eu sabia os riscos da minha missão e mesmo assim decidi seguir com ela. Que o caminho para a exploração espacial é cheio de dor e autossacrifício. Que foi minha culpa cair em um buraco de gelo e torcer a porra do tornozelo.

Bem, ele não disse isso. Nem *porra,* nem *culpa*. O que ele fez foi se certificar de que eu estivesse ciente de que ninguém poderia vir me ajudar até amanhã e que eu precisava ser forte. Embora, é claro, nós dois soubéssemos quais seriam os resultados de uma batalha entre mim e uma tempestade de neve durante a noite.

Tempestade: 100. Hannah Arroyo: morta.

– O tempo não está tão ruim assim.

Uma onda de estática quase apaga a voz do outro lado da linha.

A voz de Ian Floyd.

Porque, por alguma razão, ele está aqui. Vindo. Atrás de mim.

– É uma… é uma tempestade, Ian. Você está… Por favor, me diga que você não está se arrastando pela neve no momento em que a pior tempestade do ano está a poucas horas de começar.

– Não estou. – Uma pausa. – É só uma caminhadinha.

Eu fecho os olhos.

– No meio de uma *tempestade*. Uma nevasca. Com ventos de quase sessenta quilômetros por hora. Neve caindo com força e nenhuma visibilidade.

– Acho que você está sendo desperdiçada na engenharia.

– Quê?

– Você é muito boa nesse lance de meteorologia.

Não sinto minhas pernas; meus dentes estão batendo; toda vez que respiro, parece que minha pele foi mastigada por um cardume de piranhas. No entanto, encontro forças para revirar os olhos. Pelo menos a escrota mal-humorada que vive no meu coração se mantém firme e forte.

– Você ia adorar, né? Que eu estivesse ocupada dando a previsão do tempo no noticiário local em vez de estar na Nasa com você.

Os ventos estão abrindo buracos nos meus tímpanos. Sinceramente, não faço ideia de como sou capaz de ouvir uma risada quando ele diz:

– Que nada.

Ele é maluco. Não é possível que esteja aqui na Noruega. Não deveria sequer estar na Europa.

– A Amase mudou de ideia sobre mandar ajuda? – pergunto. – As previsões de tempestade mudaram?

– Não. – Sempre que a estática diminui, ouço um ruído baixo e estranhamente familiar através do telefone via satélite. A respiração de Ian, suponho, pesada, alta e mais acelerada que o normal. Como se ele estivesse abrindo caminho em um terreno perigoso. – Você está a aproximadamente trinta minutos da minha localização atual. Assim que eu chegar até você, vamos fazer uma caminhada de uma hora até estarmos em segurança. Isso significa que provavelmente vamos conseguir evitar a tempestade por pouco.

No segundo em que ele diz a palavra *caminhada*, meu cérebro idiota decide tentar girar meu tornozelo. Mordo meus lábios rachados e congelados para engolir um gemido. Uma péssima ideia*, como se pode imaginar.*

– Ian, nada do que você acabou de dizer faz sentido.

– Sério? – Ele parece achar graça. Como? *Por quê?* – Nada?

– Como sabe onde estou?

– Por causa do rastreador via GPS. No seu telefone.

– É impossível. A Amase disse que não conseguia ativar o rastreador. Os sensores não estão funcionando.

– A Amase está fora do alcance, e a tempestade que se aproxima provavelmente estava causando interferência.

Uma forte rajada de vento sopra e, por um momento dolorosamente gélido, se espalha por toda parte: zunindo ao meu redor, perfurando meus pulmões, entrando nos meus ouvidos. Tento encolher o meu corpo para me proteger, mas isso não ajuda em nada a deter o ar congelante. Eu me afundo ainda mais na neve e forço meu tornozelo idiota.

Porra.

– A Amase está a mais de três horas da minha creva… localização. Se você de fato *chegar* aqui em meia hora, não vamos voltar a tempo de evitar a tempestade. *Você* não vai conseguir voltar a tempo, e não vou deixar que alguma coisa de ruim aconteça com você só porque eu…

– Eu não estou vindo da Amase – diz ele. – E não é pra lá que nós vamos.

– Mas como você acessou meu rastreador se não está na Amase?

Uma pausa.

– Sou bom com computadores.

– Você está… está dizendo que *hackeou*…

– Disseram que você se machucou. Foi muito feio?

Olho para minhas botas. Cristais de gelo começaram a formar crostas ao redor das solas.

– Foram só uns arranhões. E uma entorse. Talvez eu consiga andar, mas… não sei se por uma hora. – Não sei nem se por um minuto. – E nesse terreno…

– Você não vai precisar andar.

Franzo a testa, embora ela esteja quase congelada.

– Como vou chegar aonde quer que a gente vá se…

– Você tem ascensores?

– Tenho. Mas, de novo, não sei se consigo escalar…

– Sem problemas. Eu vou só te puxar pra fora.

– Você… É perigoso demais. O terreno ao redor da fenda pode desmoronar e fazer você cair também. – Solto uma expiração entrecortada. – Ian, *não posso* deixar você fazer isso.

– Não se preocupa, eu não tenho o hábito de cair dentro de crevasses.

– Nem eu.

– Tem certeza?

Tá bem. Eu caí bonito dentro desta.

– Ian, não posso deixar você fazer isso. Se for… – Inspiro, tremendo, o ar gelado. – Se for porque se sente responsável... Se está arriscando a própria vida porque acha que de alguma forma é culpa sua eu ter acabado aqui, então aí é que não deveria mesmo fazer isso. Você sabe que eu sou a única responsável por isso, e…

– Vou começar a escalar agora – interrompe ele distraidamente, como se eu não estivesse no meio de um discurso fervoroso.

– Escalar? Escalar o quê?

– Vou guardar o telefone, mas pode chamar se acontecer alguma coisa.

– Ian, eu *realmente* acho que você não deveria…

– Hannah.

O choque de ouvir o meu nome – na voz de Ian, envolta pelo assobio do vento e através do ruído metálico do telefone via satélite – me faz calar a boca na hora. Até que ele continua:

– Só relaxa e pensa em Marte, tá bem? Já, já eu chego aí.



Capítulo Quatro

Centro Espacial Johnson, Houston, Texas

UM ANO ATRÁS

Não é que eu esteja surpresa em vê-lo.

Isso seria, francamente, muita idiotice. Idiotice demais até para mim, que todo mundo sabe ser uma idiota de vez em quando. Posso não ter visto Ian Floyd em mais de quatro anos – sim, desde o dia em que tive a melhor experiência sexual (que nem foi totalmente completa) da vida e depois mal consegui dar um tchauzinho para ele enquanto o mogno da porta da sala se fechava na minha cara. Faz bastante tempo, mas tenho acompanhado a vida dele com ajuda do uso de tecnologia altamente sofisticada e ferramentas de pesquisa de ponta.

Ou seja, do Google.

Acontece que, quando você é um dos melhores engenheiros da Nasa, as

pessoas escrevem coisas sobre você. Juro que não procuro "Ian+Floyd" duas vezes por semana ou algo assim, mas de vez em quando fico curiosa, e a internet oferece bastante informação em troca de muito pouco esforço. Foi assim que descobri que, quando o chefe anterior pediu demissão por questões de saúde, Ian foi escolhido como chefe de engenharia do *Tenacity*, o rover que pousou em segurança na cratera de Vaucouleurs no ano passado. Ele até deu uma entrevista ao programa *60 Minutes*, na qual se mostrou um homem sério, competente, bonito, humilde e reservado.

Por algum motivo, isso me fez pensar no jeito como ele gemeu contra a minha pele. Nas mãos dele apertando meus quadris, na coxa se movendo entre as minhas pernas. E me fez lembrar que ele quis me levar para jantar e que eu – de uma forma espantosa e incompreensível – fiquei tentada a aceitar.

Assisti ao programa inteiro no YouTube. Então rolei para baixo para ler os comentários e percebi que uns bons dois terços eram de usuários que haviam notado exatamente como Ian era sério, competente, bonito, humilde, reservado e provavelmente talentoso. Fechei a página na hora, como se tivesse sido flagrada fazendo algo de errado.

Acho que esperava que minha pesquisa no Google levasse a coisas mais pessoais também. Talvez um perfil no Facebook com fotos de lindos bebês ruivos. Ou um daqueles sites de casamento com fotos superproduzidas e a história de como o casal se conheceu. Mas não. O mais próximo disso foi uma prova de triatlo da qual ele participou cerca de dois anos atrás, perto de Houston. Ele não se saiu lá muito bem, mas chegou até o final. De acordo com o Google, essa é a única atividade não relacionada a trabalho de que Ian participou nos últimos quatro anos.

Mas estou fugindo do ponto principal, que é: eu sei bastante coisa sobre as conquistas profissionais de Ian Floyd e sei muito bem que ele ainda está na Nasa. Portanto, não faz sentido para mim ficar surpresa ao vê-lo. E não estou. Realmente não estou.

É só que, com mais de três mil pessoas trabalhando no Centro Espacial Johnson, achei que só esbarraria com ele por volta da minha terceira semana de trabalho. Quem sabe até do terceiro mês. Eu definitivamente *não* esperava vê-lo no meu primeiro dia, no meio da maldita apresentação para os novos funcionários. E eu definitivamente não esperava que ele me visse no mesmo instante e me encarasse por um longo, longo tempo, como se lembrasse

exatamente de quem sou.

Ian aparece na entrada da sala de conferências onde os novos contratados estão parados aguardando a próxima pessoa a falar; com uma expressão um pouco irritada, ele olha ao redor procurando por alguém e me nota, conversando com Alexis, cerca de um milissegundo depois que eu o noto.

Ele para por um instante, de olhos arregalados. Em seguida, abre caminho em meio aos grupos de pessoas conversando ao redor da mesa e marcha em minha direção com passos largos. Seus olhos ficam fixos nos meus e ele parece confiante e agradavelmente surpreso, como um cara buscando a namorada no aeroporto depois de ela passar quatro meses no exterior estudando o acasalamento das jubartes. Mas não tem nada a ver comigo. Não é por minha causa.

Não pode ser por minha causa, certo?

Mas Ian se detém a apenas alguns metros de Alexis, me analisa com um pequeno sorriso por alguns segundos a mais do que é de se esperar e então diz:

– Hannah.

É isso. Isso é tudo que ele diz. O meu nome. E eu *realmente* não queria vê-lo. Eu *realmente* achei que seria estranho estar com ele de novo, depois do nosso primeiro, único e orgástico encontro. Mas…

Não é. Não mesmo. Parece natural, quase irresistível sorrir para ele, afastar-me da mesa e ficar na ponta dos pés para um abraço, encher minhas narinas com seu cheiro limpo e dizer contra o seu ombro:

– E aí?

Suas mãos pressionam brevemente as minhas costas, e nos encaixamos como há quatro anos. Então, um segundo depois, recuamos. Nunca fico vermelha, nunquinha, mas meu coração está batendo rápido e há um calor curioso subindo pelo meu peito.

Talvez porque isso *deveria* ser estranho. Certo? Quatro anos atrás, eu o procurei. Então *dei em cima* dele. Depois recusei quando ele me convidou para passar um tempo com ele sem orgasmos, sem exploração espacial. Era isto que eu queria evitar: a reação masculina e constrangida decorrente do ego ferido que eu tinha certeza que Ian teria.

Mas agora ele está aqui, agradavelmente satisfeito em me ver, e eu me sinto feliz por estar na sua presença, como aconteceu quando passamos uma tarde programando. Ele parece um pouco mais velho; a barba de um dia por

fazer tem cerca de uma semana agora, e talvez ele esteja ainda maior. De resto, porém, é apenas *ele mesmo*. O cabelo é vermelho, os olhos são azuis, as sardas estão por toda parte. Sou forçada a me lembrar de sua inicialização uniforme em C++ – e dos seus dentes na minha pele.

– Você conseguiu – diz ele, como se eu realmente tivesse acabado de desembarcar de um avião. – Você está aqui.

Ele está sorrindo. Eu sorrio também e franzo a testa.

– Como assim? Achou que eu não fosse terminar o doutorado?

– Não sabia se você ia passar em Recursos Hídricos.

Desato a rir.

– O quê? Só porque você viu, com os próprios olhos, que eu não me esforcei nadinha pra fazer o trabalho?

– Em parte, sim.

– Devia ter visto as merdas que escrevi sobre você naquele relatório.

– Ah, imagino. Contra quais ISTs eu tive que lutar pra chegar aonde estou hoje?

– Contra quais ISTs você *não teve* que lutar?

Ele suspira. Depois pigarreia e nós dois… Ah, sim. Alexis *também está* aqui. Olhando de mim para ele, por algum motivo com os olhos esbugalhados.

– Ah, Ian, esta aqui é Alexis. Ela está começando hoje também. Alexis, este é…

– Ian Floyd – completa ela, soando vagamente sem fôlego. – Sou sua fã.

Ian se mostra um tanto espantado, como se a ideia de ter "fãs" o deixasse confuso. Alexis não parece notar e pergunta:

– Vocês dois se conhecem?

– Ah… sim. Nós tivemos um… – Faço um gesto vago com as mãos. – Um lance. Anos atrás.

– Um *lance*?

Os olhos de Alexis se esbugalham ainda mais.

– Ah, não, eu não quis dizer *esse* tipo de lance. Fizemos uma espécie de… Uma dessas… Como chama mesmo?

– Entrevista informativa – complementa Ian pacientemente.

– Entrevista informativa? – repete Alexis, parecendo incrédula.

Ela olha para Ian, que ainda está olhando fixamente para mim.

– Sim. Tipo isso. E ela acabou se transformando em…

Em quê? Na gente quase transando em um estabelecimento de propriedade da Nasa? Quem dera, Hannah.

– Uma sessão de depuração – diz Ian, e em seguida pigarreia.

Dou uma risada.

– Claro. Foi isso.

– Sessão de depuração? – Alexis parece ainda *mais* incrédula. – Isso não parece divertido.

– Ah, mas foi – afirma Ian.

Ele ainda está me encarando. Como se tivesse encontrado as chaves de casa perdidas há muito tempo e estivesse com medo de perdê-las novamente caso desviasse o olhar.

– Aham. – Eu não consigo não tornar meu sorriso um pouco sugestivo. Um experimento. Aparentemente faço muitos experimentos quando ele está por perto. – Muito divertido.

– Sim. – Ian finalmente desvia o olhar e o sorriso. – Muito.

– Como vocês se conheceram? – pergunta Alexis, mais desconfiada a cada segundo.

– Ah, minha melhor amiga é prima ou algo assim do Ian.

Ian assente.

– Como é o nome…? – Ele tenta se lembrar. – Melissa?

– Mara. O nome da sua prima é *Mara*. Vê se não esquece, hein? – Não consigo soar séria. – Não falou com ela desde que ela colocou a gente em contato?

– Acho que também não nos falamos naquela época. Foi tudo através…

– Da tia-avó Delphina, isso mesmo. E o vídeo na Home Depot?

– Na Lowe's. Ouvi dizer que ressurgiu desde que o tio Mitch começou a fazer o Dia de Ação de Graças na casa dele.

Dou outra risada.

– Bem, Mara está ótima. Ela também terminou o doutorado e recentemente se mudou pra Washington pra trabalhar na Agência de Proteção Ambiental. Não tem nenhum interesse em coisas espaciais. Só em… tipo… salvar a Terra.

– Ah. – Ele não parece muito impressionado. – É uma boa luta.

– É bom ter outra pessoa cuidando disso enquanto você e eu passamos nossos dias lançando engenhocas maneiríssimas no espaço, certo?

Ele ri.

– Tipo isso.

– Tá bem, isso é muito… – diz Alexis. Nós dois nos voltamos para ela, que está semicerrando os olhos e soando meio esganiçada. Para ser sincera, continuo esquecendo que ela está aqui. – Nunca vi duas pessoas… – Ela gesticula para nós. – Vocês *claramente*… – Ian e eu trocamos um olhar perplexo. – Vou deixar vocês à vontade – conclui, enigmática.

Então nos dá as costas, e Ian e eu ficamos sozinhos.

Mais ou menos. Estamos em uma sala cheia de pessoas, mas… sozinhos.

– Bom… oi – digo.

– Oi.

Seu tom é mais baixo. Mais íntimo.

– Eu meio que esperava que isso fosse ser desconfortável.

– Isso?

– Isso. – Aponto de mim para ele e para mim de novo. – Te ver de novo. Depois do jeito que as coisas ficaram.

Ele inclina a cabeça.

– Por quê?

– Eu só…

Não sei bem como explicar isso: que, de acordo com a minha experiência, homens que foram rejeitados por mulheres muitas vezes podem ser assustadores de um milhão de maneiras diferentes. De todo jeito, não importa. Aparentemente, ele deixou o que aconteceu entre nós para trás no segundo em que saí de seu escritório.

– Não importa – continuo. – Já que não é. Desconfortável, quero dizer.

Ian assente uma vez. Exatamente como me lembro de fazer anos atrás.

– Pra qual equipe você foi designada?

– Pra EAP.

– Mentira.

Ele parece satisfeito. O que é… uma reação nova para mim. Meus pais reagiram à notícia de que fui contratada pela Nasa da mesma maneira de sempre: mostrando decepção por eu não ter feito medicina como meus irmãos. Sadie e Mara sempre me apoiaram e ficaram felizes por mim quando consegui o emprego dos meus sonhos, mas elas não se importam o suficiente com exploração espacial para entender completamente o significado dessa conquista. Ian, no entanto, entende. E, mesmo que ele agora seja um figurão e que não faça mais parte da EAP, isso ainda faz meu corpo formigar e se

aquecer.

– Verdade… Um cara aleatório que conheci uma vez me disse que era a melhor equipe.

– Um cara muito sábio.

– Mas não vou começar a trabalhar logo com a equipe, porque… consegui que eles me escolhessem pra Amase.

Seu sorriso mostra que ele está tão descaradamente, genuinamente feliz por mim que meu coração vai parar na boca.

– Amase.

– Aham.

– Hannah, isso é incrível.

É mesmo. A Amase é incrível, e o processo seletivo para participar de uma expedição foi duríssimo, a ponto de eu nem sequer saber como consegui passar. Provavelmente foi pura sorte: o Dr. Merel, um dos líderes da expedição, estava em busca de alguém com experiência em cromatografia gasosa acoplada a espectrometria de massa. Por acaso eu tenho essa experiência, por conta de alguns projetos paralelos dos quais meu orientador do doutorado me obrigou a participar. Na época, me opus ferozmente e reclamei o tempo todo. Olhando em retrospecto, me sinto um pouco culpada.

– Você já foi lá? – pergunto a Ian.

Na verdade já sei a resposta, porque ele mencionou a Amase quando nos conhecemos. Além disso, vi o currículo dele e algumas fotos de expedições anteriores. Em uma, tirada no verão de 2019, ele está vestindo uma camisa térmica escura e ajoelhado na frente de um rover, os olhos semicerrados para seu braço robótico. Há uma mulher jovem e bonita logo atrás dele, cotovelos apoiados em seus ombros, sorrindo na direção da câmera.

Pensei sobre essa imagem mais do que apenas algumas vezes. Imaginei Ian convidando a mulher para jantar. Queria saber se, ao contrário de mim, ela foi capaz de dizer sim.

– Estive lá duas vezes, uma no inverno e outra no verão. Ambas foram ótimas. O inverno foi significativamente mais difícil, mas… – Ele para. – Peraí, a próxima expedição não está partindo…

– Em três dias. Por cinco meses. – Eu o vejo assentir e digerir a informação. Ainda parece feliz por mim, mas está um pouco… frustrado, talvez? – O que foi? – pergunto.

– Nada. – Ele balança a cabeça. – Teria sido bom colocar o papo em dia.

– A gente ainda pode fazer isso – digo, talvez um pouco rápido demais. – Só vou embora na quinta-feira. Quer sair e…

– Nada de jantar, certo? – Seu sorriso é provocador. – Eu lembro que você não… come com outras pessoas.

– É.

A verdade é que as coisas mudaram. Não que agora eu saia para encontros (isso ainda não acontece). E não que eu tenha me tornado uma pessoa emocionalmente acessível (*não mesmo)*. Mas, de alguma maneira, nos últimos dois anos, todo esse joguinho de Tinder ficou… primeiro, um pouco ultrapassado; depois, um pouco cansativo; e, por fim, um pouco solitário. Hoje em dia, ou dedico meu tempo ao trabalho ou a Mara e Sadie.

– Mas eu tomo café – completo num impulso, mesmo detestando café.

– Chá gelado – diz Ian, de alguma forma se lembrando do meu pedido de quatro anos atrás. – Mas eu não posso.

Meu coração murcha no peito.

– Não pode? – Será que ele está saindo com alguém? Não está interessado? – Não precisa ser…

Um encontro, eu ia dizer, mas somos interrompidos.

– Ian, você está aqui. – A representante do RH que está acompanhando os novos contratados aparece ao lado dele. – Obrigada por conseguir um tempinho… Sei que precisa estar no LPJ hoje à noite. Pessoal! – Ela bate palmas. – Vamos nos sentar, por favor. Ian Floyd, o atual chefe do setor de engenharia do Programa de Exploração de Marte, vai falar sobre alguns dos projetos da Nasa em andamento.

Ah. *Ah.*

Ian e eu trocamos um olhar demorado. Por apenas um instante, ele parece querer me dizer uma última coisa. Mas a representante do RH o leva para a cabeceira da mesa de conferências, e ou não dá tempo, ou não é algo importante o bastante para ser dito.

Meio minuto depois, eu me sento e escuto sua voz clara e calma enquanto ele fala sobre os muitos projetos que supervisiona, e sinto o coração apertado e pesado no peito por razões que não consigo desvendar.

Vinte minutos depois, olho para ele pela última vez quando alguém bate na porta para lembrá-lo de que seu avião vai partir em menos de duas horas.

E, pouco mais de seis meses depois, quando finalmente nos

reencontramos, eu o odeio.

Odeio, odeio, odeio e não hesito em deixar que ele saiba disso.



Capítulo Cinco

Arquipélago de Svalbard, Noruega

PRESENTE

Quando meu telefone por satélite vibra novamente, os ventos aumentaram ainda mais. Também está nevando. De alguma forma, consegui me aninhar em um cantinho na parede da minha crevasse, mas a neve que chega em grandes rajadas começa a grudar no minirrover que eu trouxe comigo.

Isso, devo admitir, é irônico de uma maneira cósmica. O motivo de ter me aventurado aqui foi testar de que modo o minirrover que projetei funcionaria em situações altamente estressantes, com baixa incidência de luz solar e pouca entrada de comandos. É claro que eu não estava contando com uma tempestade. Eu ia deixar o equipamento no local e depois voltar imediatamente para a base, o que… Bem, obviamente, as coisas não saíram conforme o planejado.

Mas o equipamento *está* sendo coberto por uma camada de neve. E o sol vai se pôr em breve. O minirrover *está* em uma situação altamente estressante, com baixa incidência de luz solar e pouca entrada de comandos e, do ponto de vista científico, essa missão não foi um desastre absoluto. Em algum momento nos próximos dias, alguém da Amase (provavelmente o Dr. Merel, aquele *babaca*) tentará ativá-lo, e então saberemos se o meu trabalho foi mesmo bem-sucedido. Bem, *eles* vão saber. Até lá, serei apenas um picolé com uma expressão muito irritada, como Jack Torrance no final de *O iluminado*.

– Tá tudo bem aí ainda?

A voz de Ian me arranca do meu choramingo pré-apocalíptico. Meu coração se agita feito um beija-flor – um beija-flor adoecido e congelado que se esqueceu de migrar para o sul com seus companheiros. Não me dou ao trabalho de responder e, em vez disso, pergunto de imediato:

– Por que você está aqui?

Sei que pareço uma escrota ingrata e, embora nunca tenha me importado em ser uma escrota, não é minha intenção ser ingrata. O problema é que a presença dele não faz nenhum sentido. Tive vinte minutos para pensar nisso, e simplesmente *não faz*. E, se é aqui e agora que eu vou bater as botas… bem, não quero morrer confusa.

– Vim dar um passeio. – Ele parece um pouco sem fôlego, portanto a escalada deve ter sido difícil. Ian é muitas coisas, mas sedentário não é uma delas. – Contemplar a paisagem. E você? O que te traz aqui?

– Estou falando sério. Por que você está na Noruega?

– Sabe como é… – O som é cortado brevemente, então volta com uma generosa porção de ruído branco. – Nem todo mundo tira férias na praia. Alguns de nós gostam de destinos mais frios.

A respiração ofegante através da frágil linha via satélite é quase… íntima. Estamos expostos às mesmas intempéries, no mesmo terreno fortemente glacial, enquanto o resto do mundo está abrigado. Estamos aqui ao léu, sozinhos.

E não faz nenhum sentido.

– Quando você chegou a Svalbard? – indago.

Não pode ter sido em nenhum momento nos últimos três dias, porque nenhum voo pousou aqui. O fluxo é intenso entre o arquipélago e as cidades de Oslo e Tromsø na alta temporada, mas ela só começa em meados de

março.

Então… Ian deve estar aqui há mais dias. Mas por quê? Ele é chefe do setor de engenharia em vários projetos envolvendo rovers, e a equipe do *Serendipity* está se aproximando do momento decisivo. Não faz sentido que um de seus colaboradores-chave esteja em outro país agora. Além disso, a porcentagem de engenheiros nesta Amase é minúscula. Somos só o Dr. Merel e eu, na verdade. Todos os outros membros são geólogos e astrobiólogos, e…

Por que diabos Ian está aqui? Por que diabos a Nasa enviaria um engenheiro sênior em uma missão de resgate que nem deveria acontecer?

– Tudo bem por aí ainda? – pergunta ele de novo. Quando não respondo, ele continua: – Estou bem perto. A poucos minutos.

Removo flocos de neve dos meus cílios.

– Quando foi que a Amase mudou de ideia em relação ao resgate?

Uma breve hesitação.

– Na verdade, pode ser que leve mais do que alguns minutos. A tempestade está piorando e não consigo enxergar muito bem…

– Ian, por que eles mandaram *você*?

Uma respiração profunda. Ou um suspiro. Ou uma baforada, mais alta que as outras.

– Você faz muitas perguntas – diz ele, não pela primeira vez.

– Sim. Mas são perguntas muito boas, então vou continuar fazendo. Por exemplo, como o…

– Contanto que eu possa fazer algumas também.

Dou um leve gemido.

– O que quer saber? Meu passatempo favorito aqui? Uma visão geral das comodidades da crevasse? Não tem muito a oferecer em termos de vida noturna…

– Eu preciso saber se você está bem, Hannah.

Fecho os olhos. A sensação desse frio extremo é como ter um milhão de agulhas cravadas na pele.

– Sim. Eu… eu estou bem.

De repente, a ligação cai. A estática, o barulho, tudo desaparece, e não consigo mais ouvir Ian. Olho para o aparelho e percebo que ainda está ligado. *Merda*. O problema é com ele. A neve está mais pesada, isso aqui ficará um breu em minutos e ainda por cima tenho quase certeza de que Ian foi atacado por um urso-polar. Se algo acontecer com ele, nunca serei capaz de me

perdoar…

Ouço passos quebrando a neve e olho para a borda da crevasse. A luz diminui a cada segundo, mas consigo distinguir a silhueta alta e larga de um homem com uma máscara de esqui. Ele está olhando para mim.

Meu Deus. Ele realmente…?

– Viu? – diz a voz profunda de Ian, apenas um pouco sem fôlego. Ele abaixa o protetor térmico de pescoço antes de acrescentar: – Não foi tão difícil, foi?



Capítulo Seis

Centro Espacial Johnson, Houston, Texas

SEIS MESES ATRÁS

Fico surpresa em perceber como o e-mail machuca, porque machuca *demais*.

Não que eu esperasse ficar feliz com isso. É fato comprovado que ouvir que um projeto seu teve o financiamento negado é tão agradável quanto enfiar a cabeça no vaso sanitário. Mas rejeições fazem parte da trajetória acadêmica, e, desde que comecei o doutorado, sofri milhões delas. Nos últimos cinco anos, me foram negadas publicações, apresentações em conferências, bolsas de pesquisa, bolsas de estudo, filiações. Fracassei até mesmo em entrar no programa de bebidas ilimitadas da Bruegger's Bagels – um revés devastador, considerando meu amor por chás gelados.

A parte boa é que, quanto mais rejeições você experimenta, mais fácil fica suportá-las. O que me fez socar travesseiros e planejar assassinatos no

primeiro ano do doutorado mal me incomodou no último. A revista *Progresso em Ciências Aeroespaciais* dizendo que minha dissertação não era digna de enfeitar suas páginas? Tranquilo. A Fundação Nacional de Ciência recusando-se a patrocinar meus estudos de pós-doutorado? De boa. Mara insistindo que os biscoitos de arroz que fiz para o aniversário dela tinham gosto de papel higiênico? Beleza. Vou sobreviver.

Esta rejeição específica, porém, mexe profundamente comigo. Isso porque eu preciso muito do dinheiro do subsídio para o que estou planejando fazer.

A maior parte do financiamento da Nasa está vinculada a projetos específicos, mas todos os anos há um montante discricionário disponível, geralmente para cientistas iniciantes que apresentam projetos de pesquisa que parecem merecer ser explorados. E o meu, acho, merece muito. Estou na Nasa há mais de seis meses. Passei quase todos eles na Noruega, na melhor expedição na Terra análoga a Marte, mergulhada em intenso trabalho de campo, testes de equipamentos, exercícios de amostragem. Nas últimas semanas, desde que voltei para Houston, assumi meu cargo junto à equipe da EAP e tem sido muito, muito legal. Ian tinha razão: a melhor equipe de todas.

Mas... Cada pausa, cada segundo livre, cada fim de semana, cada fração de tempo disponível, eu usava para me concentrar em elaborar a proposta para o meu projeto, acreditando ser uma ideia fenomenal. E agora essa proposta foi rejeitada. O que me dá a sensação de ter sido atravessada por uma faca Santoku.

– Aconteceu alguma coisa? – pergunta Karl, meu colega de trabalho, do outro lado da mesa. – Parece que você está prestes a cair no choro. Ou a jogar alguma coisa pela janela, talvez, não sei dizer.

Eu nem sequer me dou ao trabalho de olhar para ele quando respondo:

– Ainda não decidi, mas te mantenho atualizado.

Volto para o monitor, passando os olhos nas cartas de feedback dos revisores internos.

> Como todos sabemos, no início de 2010, o rover *Spirit* ficou preso em um banco de areia, não conseguiu reorientar seus painéis solares em direção ao sol e congelou até a morte como consequência da falta de energia. Algo muito semelhante aconteceu oito anos depois com o *Opportunity*, que entrou em hibernação quando um redemoinho bloqueou a luz do sol e o impediu de recarregar as baterias. Obviamente, o risco de perder o controle dos rovers por conta de eventos climáticos extremos é alto. Para resolver

> isso, a Dra. Arroyo projetou um sistema interno promissor que tem uma probabilidade menor de falhar no caso de situações meteorológicas imprevisíveis. Ela propõe construir um modelo e testar sua eficácia na próxima Expedição Análoga Ártico-Marciana em Svalbard (Amase) […]
>
> O projeto da Dra. Arroyo é um acréscimo brilhante à atual lista de projetos da Nasa e deve ser aprovado para estudos adicionais. O currículo da Dra. Arroyo é impressionante, e ela acumulou experiência suficiente para dar conta de realizar o trabalho proposto […]
>
> Se for bem-sucedida, essa proposta trará uma mudança radical para o programa de exploração espacial da Nasa: diminuirá o número de fracassos por falta de energia, de falhas nos relógios e nos temporizadores em futuras missões de exploração de Marte […]

A questão é a seguinte: os comentários são… positivos. Extremamente positivos. Mesmo vindos de um bando de cientistas que, sei muito bem, adoram ser mesquinhos e mordazes. O embasamento científico não parece ser um problema, a relevância para a missão da Nasa está lá, meu currículo é bom o suficiente e… algo não está batendo. É por isso que não vou ficar aqui sentada e aceitar essa merda.

Fecho meu notebook com força, me levanto da minha mesa bruscamente e saio da minha sala.

– Hannah? Aonde você…

Ignoro Karl e caminho pelos corredores até encontrar a sala que estou procurando.

– Entra – diz uma voz depois da minha batida.

Conheci o Dr. Merel porque ele foi meu chefe direto durante a Amase, e ele é… uma figura bem estranha, para ser sincera. Muito certinho. Muito dedicado. A Nasa está cheia de pessoas ambiciosas, mas ele parece quase obcecado por resultados, publicações, o tipo de descoberta científica que sai nos jornais. Inicialmente eu não era muito sua fã, mas devo admitir que como supervisor ele tem me dado muito apoio. Foi ele quem me selecionou para a expedição e me encorajou a me candidatar ao financiamento assim que lhe expus a ideia do projeto.

– Hannah. Que bom te ver.

– Tem um minutinho?

Ele provavelmente está na casa dos 40, mas tem um quê de antiquado. Talvez sejam os coletes de lã, ou o fato de ser literalmente a única pessoa que

conheci na Nasa que não atende pelo primeiro nome. Ele tira os óculos de armação de metal, coloca-os na mesa, depois junta as mãos tocando apenas as pontas dos dedos e me dá uma olhada demorada.

– É sobre a sua proposta, não é?

Ele não me convida para sentar, e eu não o faço. Mas fecho a porta. Encosto o ombro no batente e cruzo os braços sobre o peito, esperando não soar como me sinto – ou seja, uma homicida.

– Acabei de receber o e-mail com a recusa e queria saber se você tem algum… insight. Os comentários não destacaram as áreas que precisam de melhorias, então…

– Eu não me preocuparia com isso – diz ele, sem dar importância.

Eu franzo a testa.

– O que quer dizer?

– É irrelevante.

– Eu… É mesmo?

– Sim. Claro que teria sido bastante conveniente se você tivesse esses fundos à sua disposição, mas já discuti o assunto com dois dos meus colegas que concordam que seu trabalho é valioso. Eles estão no controle de outros fundos que Floyd não poderá vetar, então…

– Floyd? – digo, levantando um dedo. Devo ter ouvido errado. – Peraí, você disse Floyd? Ian Floyd?

Tento me lembrar se ouvi falar de algum outro Floyd que trabalhe aqui. É um sobrenome comum, mas…

O rosto de Merel não esconde muito. É óbvio que estava se referindo a Ian e é óbvio que não deveria trazê-lo à tona, fez uma grande besteira ao mencioná-lo e agora não tem escolha a não ser me explicar o que deixou escapar.

Eu não tenho intenção alguma de poupá-lo disso.

– Isso, claro, é confidencial – diz ele após uma breve hesitação.

– Tá bem – concordo apressadamente.

– O processo de revisão deve permanecer anônimo. Floyd não pode saber.

– Ele não vai saber.

Não tenho um plano exato neste momento, mas parte de mim já sabe que estou mentindo. Não sou bem do tipo que evita conflitos.

– Muito bem. – Merel assente. – Floyd fazia parte do comitê que

examinou a sua proposta e foi ele quem decidiu vetar seu projeto.

Ele… o quê?

Ele o quê?

Não é possível.

– Isso não faz sentido – retruco. – Ian nem sequer está aqui em Houston.

Sei disso porque, alguns dias depois de voltar da Noruega, fui procurá-lo. Pesquisei qual era a sala dele, comprei uma xícara de café e uma de chá no refeitório, depois fui até lá com apenas vagas ideias do que eu ia dizer, sentindo-me *quase* nervosa, e…

A porta estava trancada.

– Ele está no LPJ – alguém com sotaque sul-africano me informou quando me notou parada no corredor.

– Ah. Tá bem. – Eu me virei. Dei dois passos para longe. Em seguida, voltei para perguntar: – Quando ele volta?

– Difícil dizer. Ele já está lá faz mais ou menos um mês para trabalhar na ferramenta de coleta de amostras do *Serendipity*.

– Entendi.

Agradeci à mulher e então fui embora.

Faz pouco mais de uma semana desde então, e eu estive na sala dele… em vários outros momentos. Nem tenho certeza do motivo. E no fundo não importa, porque a porta estava fechada todas as vezes. E é por isso que sei disso.

– Ian está no LPJ. Ele não está aqui – afirmo.

– Você deve ter se enganado – diz Merel. – Ele já voltou.

Meu corpo se retrai.

– Quando?

– Isso eu não sei dizer, mas ele estava presente quando a comissão se reuniu pra discutir a sua proposta. E, como eu disse, foi ele que vetou.

Isso é impossível. Totalmente sem nexo.

– Tem certeza de que foi ele?

Merel me dirige um olhar irritado e eu engulo em seco, sentindo-me estranhamente… exposta, de pé nesta sala enquanto fico sabendo que Ian… – Ian? *Sério?* – é a razão pela qual não consegui meu financiamento. Parece mentira. Mas Merel mentiria? Ele é certinho demais. Duvido que tenha criatividade suficiente.

– Ele pode fazer isso? Vetar um projeto que foi bem recebido pelos

demais?

– Levando em consideração o posto e a antiguidade dele, sim.

– Mas por que ele vetou?

Ele suspira.

– Pode ser qualquer coisa. Talvez ele esteja com inveja de uma proposta brilhante ou prefira que o financiamento vá para outra pessoa. Ouvi dizer que alguns dos colaboradores próximos dele se candidataram. – Uma pausa. – Teve uma coisa que ele disse que me fez suspeitar que…

– O quê?

– Que ele não acreditava que você fosse capaz de fazer o trabalho.

Minha expressão endurece.

– Como é que é?

– Ele não pareceu encontrar falhas na proposta. Mas falou sobre o *seu* papel na missão em um tom pouco lisonjeiro. É óbvio que tentei rebater.

Fecho os olhos, sentindo-me enjoada de repente. Não posso acreditar que Ian faria isso. Não posso acreditar que ele seria um desgraçado tão traiçoeiro e desprezível. Talvez não sejamos amigos próximos, mas, depois do nosso último encontro, eu achei que ele… sei lá. Não faço ideia. Talvez eu tivesse expectativas de que fosse rolar *alguma coisa*, mas isso aqui acaba com elas na hora.

– Vou recorrer.

– Não há razão pra fazer isso, Hannah.

– Há muitas razões. Se Ian acha que não sou boa o suficiente *apesar* do meu currículo, eu…

– Você o conhece? – Merel me interrompe.

– O quê?

– Eu estava me perguntando se vocês dois se conheciam.

– Não. Não, eu… – *Uma vez eu me esfreguei na perna dele. Foi sensacional.* – Muito pouco. Superficialmente.

– Entendi. Só fiquei curioso. Isso explicaria por que ele estava tão determinado a rejeitar o seu projeto. Eu nunca o tinha visto tão… inflexível quanto à aceitação de uma proposta. – Ele acena com a mão, como se isso não fosse importante. – Mas você não precisa se preocupar, porque já garanti um financiamento alternativo pro seu projeto.

Ah. Por essa eu não esperava.

– Financiamento alternativo?

– Entrei em contato com alguns chefes de equipe que me deviam uns favores. Perguntei a eles se tinham algum superávit orçamentário que pudessem dedicar ao seu projeto e consegui juntar o suficiente pra te mandar de volta à Noruega.

Dou uma risada meio engasgada.

– Jura?

– Sim.

– Na próxima Amase?

– A que sai em fevereiro do ano que vem, sim.

– E o assistente que pedi? Vou precisar de outra pessoa pra me ajudar a construir o minirrover e ir comigo testá-lo em campo. E vou ter que me afastar bastante da base, o que pode ser perigoso sozinha.

– Acho que não vamos conseguir financiar a inclusão de outro membro para a expedição.

Comprimo os lábios e reflito. Provavelmente posso fazer a maior parte do trabalho de preparação sozinha. Se não dormir nos próximos meses, já fiz isso antes. Vou ficar bem. O problema viria depois de chegar a Svalbard. É muito arriscado…

– Eu estarei lá em campo com você, é claro – diz o Dr. Merel.

Estou um pouco surpresa. Nos meses em que estivemos na Noruega, quase não o vi fazer coletas de amostras nem participar das penosas caminhadas na neve. Sempre pensei nele mais como um coordenador. Mas, se ele se ofereceu, deve estar falando sério, e… Sorrio.

– Perfeito, então. Obrigada.

Saio da sala e, por cerca de duas semanas, estou tão entorpecida pela ideia de que meu projeto vai acontecer que não deixo que ninguém saiba. Não conto sequer para Mara e Sadie quando estamos no FaceTime, porque… porque, para explicar o nível de traição de Ian, eu teria que admitir que menti anos antes. Porque me sinto uma completa idiota por confiar em alguém que não merece nada de mim. Porque ser sincera com elas primeiro exigiria que eu fosse sincera comigo mesma, e estou muito irritada, cansada e decepcionada para isso. Em meus desabafos reclamões, Ian se torna uma figura anônima e sem rosto, e há algo de libertador nisso. Em não me permitir lembrar que eu costumava pensar nele com carinho.

Então, exatamente dezessete dias depois, encontro Ian Floyd na escada. E é aí que tudo vai por água abaixo.



Eu o vejo antes que ele me veja – por causa do cabelo ruivo, do seu tamanho e do fato de que ele está subindo enquanto eu desço. Existem cerca de cinco elevadores aqui, e não sei por que alguém escolheria, voluntariamente, submeter seu corpo ao estresse de subir escadas, mas não estou muito surpresa com o fato de Ian fazer isso. É o tipo de superação sem glória que passei a esperar dele.

Meu primeiro instinto é empurrá-lo e vê-lo cair em direção à morte. Só não o faço por ter quase certeza de que seria um crime. Além disso, Ian é consideravelmente mais forte do que eu, logo pode não ser algo viável. *Abortar missão,* digo a mim mesma. *É só passar por ele. Ignorá-lo. Não vale o seu tempo.*

O problema começa quando ele olha para cima e me nota. Ele para dois degraus abaixo, o que deveria colocá-lo em desvantagem, mas, de modo deprimente, injusto e trágico isso não acontece. Nossos olhos estão no mesmo nível quando os dele se arregalam e seus lábios se curvam em um sorriso satisfeito. Ele diz "Hannah", e há um toque de algo em sua voz que reconheço, mas rejeito de imediato, e não tenho escolha a não ser acusar sua presença.

A escada está deserta e o som chega longe.

– Estive procurando por você – diz ele, em um tom profundo e grave que faz o meu corpo vibrar. – Na semana passada. Um cara do seu departamento disse que você não fica muito lá, mas…

– Vai à merda.

As palavras escapam da minha boca. Sempre tive um temperamento imprudente, inconsequente e… bem, ainda tenho, acho.

A reação de Ian é desconcertada demais para ser confusa. Ele me encara como se não tivesse certeza do que acabou de ouvir, e é a oportunidade perfeita para eu ir embora antes que diga algo de que irei me arrepender. Mas ver seu rosto me faz lembrar das palavras de Merel, e isso… isso é péssimo.

Ele não acreditava que você fosse capaz de fazer o trabalho.

A pior parte, a que realmente *machuca*, é como julguei mal Ian. Achei de verdade que ele fosse um cara legal. Eu gostava muito dele, sendo que nunca me permiti gostar de ninguém, e… como ele *ousa*? Como ousa me apunhalar

pelas costas e depois se dirigir a mim como se fosse meu amigo?

– Qual é exatamente o seu problema comigo, Ian? – Endireito os ombros para ficar maior. Quero que ele olhe para mim e pense em um tanque de guerra. Quero que fique com medo de que eu passe por cima dele. – Você não gosta de ciência de qualidade? Ou é puramente pessoal?

Ele franze a testa. Ele tem a audácia de *franzir a testa*.

– Não faço ideia do que você está falando.

– Pode parar. Eu sei sobre o projeto.

Por um segundo, ele fica absolutamente imóvel. Então seu olhar endurece e ele pergunta:

– Quem te contou?

Pelo menos ele não finge não saber a que estou me referindo.

– Sério? – Eu bufo. – Quem me contou? É o mais relevante pra você?

Sua expressão é impassível.

– Os processos relativos ao desembolso de financiamento interno não são públicos. Uma revisão interna anônima por pares é necessária pra garantir…

– … pra garantir a sua capacidade de destinar fundos pros colaboradores mais chegados e ferrar com a carreira daqueles que não têm utilidade pra você. Certo? – Ele recua. Não é a reação que eu esperava, mas me enche de satisfação mesmo assim. – A menos que o motivo *fosse* pessoal. E você tenha vetado minha proposta porque não dormi com você cinco anos atrás.

Ele não nega, não se defende, não grita que eu sou louca. Seus olhos se estreitam em fendas azuis e ele pergunta:

– Foi o Merel, não foi?

– Que diferença faz? Você vetou o meu projeto…

– Ele por acaso te disse *por que* eu vetei?

– Eu nunca disse que foi o Merel que…

– Porque ele estava lá quando expliquei as minhas objeções detalhadamente. Ele omitiu isso? – Comprimo os lábios diante da pergunta de Ian, o que ele parece interpretar como uma abertura. – Hannah. – Ele chega mais perto. Estamos cara a cara; sinto o cheiro de sua pele e sua loção pós-barba e odeio cada segundo disso. – O seu projeto é muito perigoso. Ele exige especificamente que você viaje até um local remoto pra deixar o equipamento em uma época do ano em que o clima é volátil e muitas vezes imprevisível. Já estive em Longyearbyen em fevereiro, e avalanches surgem do nada. Isso só piorou nos últimos…

– Quantas vezes?

Ele só pisca, sem ação.

– O quê?

– Quantas vezes esteve em Longyearbyen?

– Participei de duas expedições…

– Então você vai entender por que prefiro levar em consideração a opinião de alguém que esteve em uma dúzia de missões. Além disso, ambos sabemos qual foi o *verdadeiro* motivo do veto.

Ian abre a boca mas a fecha logo em seguida. Ele trava o maxilar, e finalmente tenho certeza: ele está irritado. Puto da vida. Vejo isso na maneira como ele cerra o punho. Na dilatação de suas narinas. Em seu corpo imenso a apenas alguns centímetros do meu, ardendo de raiva.

– Hannah, Merel nem sempre é confiável. Houve incidentes sob a supervisão dele que…

– Que incidentes?

Uma pausa.

– Não cabe a mim divulgar essa informação. Mas você não deveria confiar nele com…

– Claro. É óbvio que eu deveria confiar no cara que agiu pelas minhas costas e não no cara que me defendeu e garantiu que meu projeto fosse financiado de qualquer maneira. Uma escolha *muito* difícil.

Ele segura meu braço de um jeito ao mesmo tempo gentil e urgente. Eu me recuso a me importar o suficiente para me afastar de seu toque.

– O que você está dizendo?

Reviro os olhos.

– Eu disse um monte de coisas, Ian, mas o essencial é "vai à merda". Agora, se me der licença…

– O que quer dizer com Merel garantir que o seu projeto fosse financiado de qualquer maneira?

Ele aperta mais forte.

– Quero dizer exatamente o que eu disse.

Eu me inclino para a frente, olhos fixos nos dele, e por uma fração de segundo a sensação familiar de estar *próximo, aqui, perto* dele me atinge como uma onda. Mas desaparece com a mesma rapidez, e tudo que resta é uma estranha mistura de tristeza e vingança. Vou seguir com o meu projeto, o que significa que venci. Mas também… sim. Eu *gostava* dele. E, embora ele

estivesse sempre apenas à margem da minha vida, talvez eu tenha esperado que…

Bem, agora não importa.

– Ele encontrou uma alternativa, Ian – digo a ele. – Eu e minha *incapacidade de realizar o trabalho* vamos pra Noruega, e não há nada que você possa fazer a respeito.

Ele fecha os olhos. Então os abre e murmura algo baixinho que soa muito como "*merda*", seguido pelo meu nome e outras explicações apressadas que não faço questão de ouvir. Liberto meu braço de seus dedos, encaro seus olhos uma última vez e me afasto jurando para mim mesma que acabou.

Nunca mais vou pensar em Ian Floyd de novo.



Capítulo Sete

Arquipélago de Svalbard, Noruega

PRESENTE

Ele não está usando equipamento da Nasa.

Já está quase escuro, a neve cai sem parar, e, sempre que olho para a borda da crevasse, enormes flocos de neve são arremessados direto nos meus olhos. Mas, mesmo assim, consigo enxergar que Ian *não está* usando o equipamento que a Nasa geralmente fornece aos cientistas da Amase.

Seu gorro e seu casaco são da North Face, um preto fosco polvilhado com branco, quebrado apenas pelo vermelho de seus óculos e sua máscara de esqui. Quando ele pega o telefone para se comunicar comigo da beirada da crevasse, vejo que não se trata de um Iridium, o padrão da Nasa, mas um modelo que não reconheço. Ele olha para baixo por um bom tempo, como se avaliasse o tamanho da merda em que consegui me meter. Flocos de neve

circulam ao redor dele, sem tocá-lo. Seus ombros sobem e descem. Uma, duas, várias vezes. Então, finalmente, ele levanta os óculos e leva o telefone à boca.

– Vou jogar uma corda pra você – diz ele, em vez de me cumprimentar.

Falar que estou em uma situação difícil no momento, ou que tenho alguns problemas, seria um *imenso* eufemismo. No entanto, olhando para cima do lugar onde eu tinha certeza de que iria morrer até cerca de cinco minutos atrás, tudo que consigo pensar é que na última vez que falei com este homem eu…

Eu mandei ele ir à merda.

Várias vezes.

E ele mereceu, pelo menos por dizer que eu não era boa o suficiente para realizar o projeto. Mas na época ele também mencionou que minha missão seria perigosa demais. E agora ele acaba de aparecer no círculo polar ártico, com seus profundos olhos azuis e sua voz ainda mais profunda, para me livrar da morte certa.

Sempre soube que eu era babaca, mas nunca tinha me dado conta do grau da babaquice.

– Esse é o maior "Eu te avisei" da história? – pergunto, tentando forçar uma piada.

Ian me ignora.

– Assim que você pegar a corda, vou fazer uma âncora – explica ele, em tom calmo e prático, sem nenhum traço de pânico. É como se estivesse ensinando uma criança a amarrar os cadarços. Não há nenhuma urgência aqui, nenhuma dúvida de que tudo acontecerá conforme o planejado e nós dois ficaremos bem. – Vou ficar aqui na borda e te puxar. Se certifica de que tudo esteja clipado ao seu loop. Consegue puxar pelo lado fixo?

Apenas olho para cima na direção dele. Eu me sinto… Não sei exatamente. Confusa. Assustada. Faminta. Culpada. Gelada. Depois de provavelmente bastante tempo, consigo fazer que sim com a cabeça.

Ele dá um leve sorriso antes de atirar a corda. Eu a vejo se desenrolar, deslizar na minha direção e parar a alguns centímetros de onde estou encolhida. Então estendo o braço e fecho minha mão enluvada ao redor de sua extremidade.

Ainda estou confusa, assustada, faminta e culpada. Mas, quando olho para Ian, talvez me sinta um pouco menos gelada.

É só uma entorse, tenho certeza. Mas, no que se refere a entorses, essa é das brabas.

Ian é fiel às suas promessas e consegue me tirar da crevasse em apenas alguns minutos, mas, no momento em que chego à superfície, tento andar e… a coisa parece feia. Meu pé toca o chão e a dor atravessa todo o meu corpo como um raio.

– Mer…

Tampo a boca com a mão, tentando esconder meu arfar no tecido das luvas, lutando para me manter em pé. Tenho certeza de que o ruído alto do vento engole o meu gemido, mas não há muito que eu possa fazer para evitar as lágrimas que inundam meus olhos.

Felizmente, Ian está muito ocupado recolhendo a corda para notar.

– Só um segundo – diz ele, e fico feliz com o atraso.

Ian me livrou de virar a sobremesa de um urso-polar, mas por alguma razão odeio a ideia de ele me ver toda chorosa e fraca. Tá, tudo bem: eu precisava que alguém me salvasse, e talvez neste momento não pareça muito durona. Porém, minha resistência para dor geralmente é bem alta, e nunca fui molenga. Não quero dar a Ian nenhum motivo para acreditar no contrário.

No entanto...

No entanto, essas duas lágrimas solitárias abriram as comportas. Atrás de mim, Ian guarda seu equipamento de escalada na mochila, com movimentos mínimos e experientes, e eu… eu não posso ajudar em nada. Apenas fico de pé, desajeitada, tentando poupar meu tornozelo latejante, em um pé só, como um flamingo. Minhas bochechas estão quentes e molhadas sob a neve que cai, e olho para aquela crevasse idiota pensando que até um minuto atrás – até o maldito Ian Floyd chegar – aquele seria o último lugar que eu veria. A última fatia do céu.

E, de repente, um terror me atravessa. Ele acaba com o silêncio fabricado do meu oceano marciano, e a magnitude do que quase aconteceu, de todas as coisas que eu amo e que teria perdido se Ian não tivesse vindo atrás de mim, vai atravessando meu cérebro como um rolo compressor.

Cachorros. Um dia de verão às três da madrugada. Sadie e Mara sendo

ridiculamente bobas e eu rindo delas. Trilhas, chá gelado de kiwi, aquele restaurante grego que nunca cheguei a experimentar, códigos elegantes, a próxima temporada de *Stranger Things*, sexo bom de verdade, uma publicação da *Nature*, ver humanos em Marte, o final de As Crônicas de Gelo e Fogo…

– Precisamos partir antes que a tempestade piore – diz Ian. – Você…

Ian olha para mim, e eu nem tento esconder o rosto. Já desisti disso. Quando ele se aproxima, franzindo a testa, deixo que me olhe nos olhos, levante meu queixo com os dedos, inspecione minhas bochechas. Sua expressão passa da urgência para a preocupação, compreensão. Respiro fundo e sinto como se fosse engasgar. Para o meu horror, isso se transforma em um soluço. Em dois. Três. Cinco. E de repente…

De repente estou aos prantos. Chorando desesperada, feito uma criança, e, quando um corpo quente e pesado me envolve e me aperta com força, não ofereço resistência.

– Me desculpa – murmuro no nylon do casaco de Ian. – Me desculpa, me desculpa, me desculpa. Eu… eu não faço a menor ideia de qual é o meu problema, eu…

Eu só não sabia. Lá embaixo, na crevasse, eu conseguia fingir que aquilo não estava acontecendo. Mas, agora que estou do lado de fora e não me sinto mais entorpecida, não consigo parar de vê-las, todas as coisas, *todas as coisas* que eu quase…

– Shh.

As mãos de Ian parecem absurdamente grandes enquanto afagam minhas costas, seguram minha cabeça, acariciam a mecha do meu cabelo molhado de neve que escapa por baixo do gorro. Estamos no meio de uma tempestade de neve, mas, assim tão perto dele, me sinto quase em paz.

– Shh. Tá tudo bem.

Eu me agarro a ele. Ele me permite soluçar por longos segundos que não podemos nos dar ao luxo de desperdiçar, me apertando contra o seu corpo sem deixar que nem uma brisa passe entre nós, até o ponto de eu sentir seu batimento cardíaco através das grossas camadas de nossas roupas. Então ele murmura "Merel desgraçado" com uma fúria bem pouco contida, e acho que seria bem fácil culpar Merel pelas coisas, mas a verdade é que é tudo culpa minha.

Quando me inclino para trás para lhe dizer isso, ele segura meu rosto.

– A gente realmente precisa ir. Vou carregar você até a costa. Tenho um suporte leve pra calçar no seu tornozelo, só pra não piorar ainda mais.

– Até a costa?

– Meu barco está a menos de uma hora de distância.

– *Seu* barco?

– Vamos. Temos que partir antes que caia ainda mais neve.

– Eu… Talvez eu consiga andar. Posso pelo menos tentar…

Ele sorri, e o pensamento de que eu podia ter morrido – eu podia ter *morrido* – sem receber este sorriso *deste homem* faz meus lábios tremerem.

– Não me importo de te carregar. – Uma covinha aparece. – Tenta conter o seu amor por crevasses, por favor.

Olho feio para ele em meio às lágrimas. No final das contas, é exatamente o que ele quer de mim.

❄

Ian me carrega por quase todo o caminho.

Dizer que ele faz isso sem derramar uma gota de suor, em meio à brancura de uma tempestade de neve pesada, em uma temperatura de dez graus negativos, provavelmente seria um pouco exagerado. O cheiro dele é salgado e quente no momento em que me deposita em um dos beliches no convés inferior do barco, um pequeno navio de expedição chamado *Sjøveien*. Vejo gotículas de suor aqui e ali, brilhando na testa e no lábio superior, antes de ele as enxugar com as mangas do casaco.

Ainda assim, não consigo acreditar na relativa facilidade com que ele atravessou platôs glaciais por mais de uma hora, caminhando por neve antiga e fresca, evitando formações rochosas e algas, nunca se queixando dos meus braços apertados ao redor do seu pescoço.

Ele quase escorregou duas vezes. Em ambas, senti a força de seus músculos enquanto se retesavam para evitar a queda, seu corpo imenso, sólido e firme enquanto se equilibrava e se reorientava antes de retomar o passo de novo. Nas duas vezes, me senti estranhamente, incompreensivelmente segura.

– Preciso que você avise à Amase que está em segurança – diz ele no segundo em que chegamos ao barco. Olho em volta, notando pela primeira

vez que não há outros passageiros a bordo. – E que você não precisa que os socorristas venham assim que a tempestade passar.

Franzo a testa.

– Eles não saberiam que você já…

– Agora. Por favor. – Ele fica olhando fixamente até eu digitar e enviar uma mensagem para todo o grupo da Amase, de uma forma que me lembra que ele é um líder, acostumado a ter as pessoas fazendo o que ele diz. – Temos um aquecedor, mas não vai adiantar muita coisa nesta temperatura.

Ele tira o casaco, revelando uma camisa térmica preta por baixo. Seu cabelo está bagunçado, brilhante e lindo – não bizarramente esmagado pelo gorro como o meu –, um fenômeno inexplicável que deveria ser objeto de várias pesquisas. Talvez eu peça uma bolsa para investigá-lo. Então Ian me vetará, e voltaremos à estaca zero do ódio mútuo.

– Os ventos estão mais fortes do que eu gostaria, mas estar a bordo ainda é uma opção mais segura do que estar em terra. Estamos ancorados, mas as ondas podem ficar feias. Tem remédio para enjoo perto do seu beliche e…

– Ian.

Ele fica quieto.

– Por que você não está vestindo um uniforme da Nasa?

Ele não olha para mim. Em vez disso, ajoelha-se na minha frente e começa a trabalhar no meu tornozelo. Suas mãos grandes são firmes porém delicadas na minha panturrilha.

– Tem certeza de que não quebrou? Está doendo?

– Sim. E sim, mas está melhorando. – O calor, ou pelo menos a ausência de ventos congelantes, está ajudando. O aperto das mãos de Ian, reconfortante e quente ao redor do meu tornozelo inchado, também não causa dor. – Este barco também não é da Nasa.

Não que eu esperasse que fosse. Acho que sei o que está acontecendo aqui.

– É o que a gente tinha à disposição.

– A gente?

Ele ainda não me olha nos olhos. Em vez disso, aperta as faixas do suporte no meu tornozelo e veste uma meia grossa de lã no meu pé. Acho que sinto dedos percorrendo brevemente o meu dedão, mas talvez seja só impressão. Deve ser.

– Você devia beber alguma coisa. E comer. – Ele se endireita. – Eu vou

pegar…

– Ian – interrompo com delicadeza.

Ele para, e nós dois parecemos simultaneamente surpresos com o meu tom. É… suplicante. Cansado. Não é normal para mim demonstrar vulnerabilidade, mas… Ian veio me buscar, em um pequeno barco, atravessando os fiordes. Estamos sozinhos na bacia Oceânica do Ártico, cercados por geleiras de vinte mil anos e ventos estridentes. Não há *nada* de normal nisso.

– Por que você está aqui?

Ele levanta uma sobrancelha.

– Como assim? Está com saudade da sua crevasse? Posso te levar de volta se…

– Não, sério… Por que você está aqui? Neste barco? Você não está participando da Amase deste ano. Não deveria nem estar na Noruega. Não precisam de você no LPJ?

– Eles vão ficar bem. Além disso, velejar é uma das minhas paixões.

Ele obviamente está sendo evasivo, mas o frio deve ter congelado os meus neurônios, porque tudo que eu quero agora é descobrir mais sobre as paixões de Ian Floyd. Verdadeiras ou não.

– É mesmo?

Ele dá de ombros.

– A gente costumava velejar muito quando eu era criança.

– A gente?

– Meu pai e eu. – Ele se levanta e se afasta de mim, passa a vasculhar os pequenos compartimentos do casco. – Ele me levava junto quando tinha que trabalhar.

– Ah. Ele era pescador?

Ouço ele bufar.

– Traficante de drogas.

– Ele *o quê*?

– Traficante de drogas. Maconha, na maior parte das…

– Não, eu ouvi você da primeira vez, mas… isso é sério?

– Aham.

Eu franzo a testa.

– Você é… você está bem? Isso… isso acontece mesmo? Digo, traficar maconha de barco?

Ele está mexendo em alguma coisa, de costas para mim, mas se vira apenas o suficiente para eu vislumbrar a curva de seu sorriso.

– Sim. É ilegal, mas acontece.

– E seu pai levava você?

– Às vezes. – Ele se posiciona de frente para mim, segurando uma pequena bandeja. Ele sempre parece grande, mas, todo curvado no convés muito baixo, lembra a Grande Barreira de Corais. – Minha mãe ficava maluca.

Dou risada.

– Ela não gostava que o filho participasse dos empreendimentos criminosos da família?

– Vai entender. – Sua covinha desaparece. – Eles passavam horas brigando, aos gritos. Não foi à toa que Marte começou a soar tão atraente.

Inclino a cabeça e analiso sua expressão.

– É por isso que você cresceu sem ter contato com Mara?

– Quem é Ma…? Ah. Sim. De modo geral, sim. Minha mãe não gosta muito do lado Floyd da família. Embora eu tenha certeza de que meu pai seja considerado má influência entre eles também. Eu não tinha permissão pra passar muito tempo com ele, então… – Ele balança a cabeça, como se para afugentar aqueles pensamentos e mudar de assunto. – Aqui. Não é muito, mas você devia comer.

Tenho que me forçar a desviar o olhar do seu rosto, mas, quando noto os sanduíches de manteiga de amendoim e geleia que ele fez, meu estômago se contrai de felicidade. Eu me remexo no beliche até ficar sentada mais ereta, tiro o casaco e ataco imediatamente a comida. Afinal, minha relação com comida é muito menos complicada do que com Ian Floyd, e me perco no ato reconfortante de mastigar… por muito tempo, provavelmente.

Quando engulo o último pedaço, lembro que não estou sozinha e noto que ele me encara com uma expressão divertida.

– Desculpa. – Minhas bochechas estão quentes. Sacudo as migalhas da minha camisa térmica e lambo um pouco de geleia do canto da boca. – Sou fã de manteiga de amendoim.

– Eu sei.

Ele sabe?

– Sabe?

– Seu bolo de formatura não foi um Reese's gigante?

Mordo a parte de dentro da bochecha, surpresa. Foi o que Mara e Sadie me deram depois que defendi a tese. Elas se cansaram de me ver lamber a cobertura e a manteiga de amendoim que recheava os bolos da Costco que as duas costumavam comprar e apenas encomendaram uma torta imitando um Reese's gigante, com chocolate por fora e manteiga de amendoim por dentro. Mas não me lembro de ter contado isso a Ian. Eu mal penso nisso, para ser sincera. Só me lembro quando entro no meu Instagram que mal uso, porque a foto de nós três devorando o "bolo" é a última coisa que eu postei…

– Devia descansar enquanto pode – diz ele. – A tempestade deve diminuir até amanhã de manhã, e aí a gente parte. Vou precisar da sua ajuda com essa visibilidade de merda.

– Tá – concordo. – Mas ainda não entendo como você pode estar aqui sozinho se…

– Vou verificar se está tudo bem. Volto num minuto.

Ele desaparece antes que eu possa perguntar exatamente o que ele precisa verificar. E não volta em um minuto – nem mesmo antes de eu me recostar no beliche, decidir descansar os olhos por apenas alguns instantes e adormecer, morta para o mundo.



O ruído do vento e o balanço rítmico do barco me despertam, mas o que me mantém acordada é o frio.

Olho ao redor sob o brilho azul da lâmpada de emergência e encontro Ian a poucos metros de mim, dormindo no outro beliche. É muito curto para suas pernas e não é largo o suficiente para acomodá-lo, mas ele parece dar seu jeito. Suas mãos estão perfeitamente apoiadas na barriga, e as cobertas foram chutadas até a altura de seus pés, o que me diz que a cabine provavelmente não está tão fria quanto estou sentindo agora.

Não que isso importe: é como se as horas passadas ao ar livre tivessem penetrado nos meus ossos para continuarem me congelando por dentro. Tento me esconder debaixo das cobertas por alguns minutos, mas o tremor só piora. Talvez fique forte o suficiente para desalojar algum tipo de via cerebral importante, pois, sem realmente saber por quê, saio do meu beliche, enrolo o cobertor ao redor do corpo e manco pelo chão, cambaleante, na

direção de Ian.

Quando me deito ao lado dele, ele pisca, grogue e levemente assustado. No entanto, sua primeira reação não é me atirar no mar, mas chegar mais perto da parede de modo a abrir espaço para mim.

Ele é uma pessoa muito melhor do que jamais serei.

– Hannah?

– Eu só… – Meus dentes estão batendo. De novo. – Não consigo me aquecer.

Ian não hesita. Ou talvez hesite, só que apenas por uma fração de segundo. Ele abre os braços e me puxa para seu peito, e… eu me encaixo tão perfeitamente nele que é como se aquele cantinho estivesse ali me esperando o tempo todo. Um cantinho com cinco anos de idade, familiar e acolhedor. Um recanto delicioso e quente que cheira a sabonete e sono, sardas e pele pálida e suada.

Isso me faz querer chorar de novo. Ou rir. Não consigo me lembrar da última vez que me senti tão frágil e confusa.

– Ian?

– Hum?

Sua voz é áspera, vem do peito. É assim que ele soa quando acorda. Como teria soado na manhã seguinte se eu tivesse concordado em jantar com ele.

– Há quanto tempo você está em Svalbard?

Ele suspira, um sopro quente no topo da minha cabeça. Devo tê-lo pegado desprevenido, porque desta vez ele responde à pergunta:

– Seis dias.

Seis dias. Ou seja, um dia antes de *eu* chegar.

– Por quê?

– Férias.

Ele acaricia minha cabeça com o queixo.

– Férias – repito.

Sua camisa térmica é suave sob os meus lábios.

– Sim. Eu tinha... – ele boceja contra o meu couro cabeludo – … muitos dias pra tirar.

– E decidiu gastar todos eles na Noruega?

– Por que não acredita em mim? A Noruega é um lugar legal. Tem fiordes, estações de esqui e museus.

Só que ele não está em nenhum desses lugares. Isso aqui não é uma

estação de esqui, muito menos um museu.

– Ian. – Soa muito íntimo dizer seu nome tão perto dele. Falar contra o seu peito enquanto meus dedos se curvam em sua camisa. – Como você sabia?

– Sabia o quê?

– Que o meu projeto ia ser essa tragédia. Que eu… que eu não ia conseguir concluir a missão. – Estou prestes a começar a chorar de novo. Possivelmente. Provavelmente. – Era… era tão óbvio assim? Que eu sou esse tipo de pessoa idiota e incompetente que decide fazer só o que dá na telha, apesar de todo mundo dizer que eu ia…

– Não, não, shh. – Os braços dele se apertam ao meu redor, e percebo que estou, de fato, chorando. – Você não é idiota, Hannah. E você é *o oposto* de incompetente.

– Mas você vetou o projeto porque eu…

– Por causa do perigo intrínseco a um projeto como o seu. Nos últimos meses, tentei interromper esse projeto de umas dez maneiras diferentes. Reuniões, e-mails, recursos… Tentei de tudo. E mesmo as pessoas que concordavam comigo que era muito perigoso não se dispuseram a intervir pra evitar que ele fosse adiante. Então não, você não é a idiota aqui, Hannah. Eles que são.

– O quê? – Eu me apoio nos cotovelos para olhar nos olhos dele. O azul é escuro como a noite. – Por quê?

– Porque é um projeto excelente. É absolutamente brilhante e tem o potencial de revolucionar futuras missões de exploração espacial. Alto risco, alta recompensa. – Seus dedos empurram uma mecha para trás da minha orelha, então correm pelo meu cabelo. – Altíssimo risco.

– Mas Merel disse que…

– Merel é um babaca do caralho.

Meus olhos se arregalam. O tom de Ian é exasperado e furioso, nada do que eu esperaria de seu jeito normalmente calmo e distante.

– Bom, o Dr. Merel tem doutorado em Oxford e acredito que seja membro da Mensa, então…

– Ele é um imbecil – diz. Eu não deveria rir nem me aproximar ainda mais de Ian, mas não consigo evitar. – Ele estava na Amase na mesma época que eu. Duas pessoas se feriram gravemente durante a minha segunda expedição, e nas duas vezes isso aconteceu porque ele pressionou os cientistas

a terminarem o trabalho de campo quando as condições não eram ideais.

– Peraí, sério? – pergunto, e ele assente brevemente. – Por que ele ainda está na Nasa?

– Porque foi difícil provar a negligência dele e porque os membros da Amase assinam documentos assumindo o risco. Como você fez. – Ele respira fundo, tentando se acalmar. – Por que você foi lá sozinha?

– Eu precisava deixar o equipamento naquele lugar. Não tinha previsão de tempestade. Mas aí houve uma avalanche por perto, fiquei com medo de que meu minirrover fosse danificado, comecei a correr sem olhar e…

– Não, por que você estava *sozinha*, Hannah? Deveria haver outra pessoa com você. É o que consta na proposta.

– Ah. – Engulo em seco. – Era para Merel ir junto. Mas ele não estava se sentindo bem. Falei que podia esperar, mas ele disse que estaríamos perdendo dias valiosos de dados e que eu devia ir sozinha, e eu… – Aperto os dedos ao redor do tecido da camisa de Ian. – Eu fui. E aí, quando pedi ajuda, ele me disse que o tempo estava mudando, e…

– Merda – murmura ele. Seus braços se apertam ao meu redor, quase com força demais. – Merda.

Eu me encolho.

– Sei que você está com raiva de mim. E tem todo o direito…

– Eu não estou com raiva de *você* – diz ele, parecendo estar. – Estou com raiva da porra do… – Eu o observo, desconfiada, enquanto ele inspira fundo. Expira. Inspira de novo. Algumas emoções que não tenho certeza se compreendo parecem atravessar sua expressão. – Desculpa. Sinto muito. Eu geralmente não…

– Fica com raiva?

Ele assente.

– Geralmente sou melhor em…

– Não se importar? – concluo, e ele fecha os olhos e faz que sim com a cabeça outra vez.

Tá bem. Isso está começando a fazer sentido.

– A Amase não mandou você aqui – declaro.

Não é uma pergunta. Ian não vai admitir para mim, mas, neste beliche, ao lado dele, fica muito óbvio o que aconteceu. Ele veio para a Noruega para garantir a minha segurança. A cada passo do caminho, tudo que ele fez foi para me proteger.

– Como sabia que eu ia precisar de você?

– Eu não sabia, Hannah. – Seu peito sobe e desce em um suspiro profundo. Outro homem estaria se gabando disso agora. Quanto ao Ian… acho que ele só gostaria de ter me poupado disso. – Eu estava apenas com medo de que acontecesse alguma coisa com você. E não confio no Merel. Não no que diz respeito a você.

Ele diz "*você*" como se eu fosse algo valioso e importante. O data point mais precioso; sua cidade favorita; a mais bela e austera paisagem marciana. Mesmo que eu o tenha enxotado várias vezes, mesmo assim ele veio em um barco instável no meio do oceano mais frio do planeta Terra só para me aquecer.

Tento levantar a cabeça e fitá-lo, mas ele a toca com delicadeza e continua acariciando meu cabelo.

– Você realmente deveria descansar.

Ele tem razão. Nós dois deveríamos. Então forço uma perna no meio das pernas dele, e ele deixa. Como se o corpo dele fosse uma coisa minha.

– Me desculpa. Pelo que falei pra você em Houston.

– Shh.

– E por ter colocado você em perigo...

– Shh, tá tudo bem. – Ele beija minha têmpora, molhada depois de algumas lágrimas deslizarem. – Tá tudo bem.

– Não tá, não. Você podia estar trabalhando com a sua equipe ou dormindo na sua própria cama, mas está aqui por minha causa e…

– Hannah, não existe nenhum outro lugar onde eu gostaria de estar.

Dou uma risada meio chorosa.

– Literalmente *nenhum* outro lugar? De verdade?

Ouço uma risadinha pouco antes de pegar no sono.



Capítulo Oito

Antes de partirmos para Houston, passamos uma noite em um hotel em Longyearbyen, o principal povoado de Svalbard. O lugar oferece um bufê de café da manhã extremamente farto e mantém a temperatura dos quartos cerca de dez graus mais alta que o necessário para garantir algum conforto – tudo com que a Hannah pós-crevasse poderia sonhar. Não sei dizer se Ian compartilha minha felicidade, já que ele desaparece assim que eu me acomodo. Mas tudo bem, pois tenho coisas a fazer. A principal é escrever um relatório detalhado atualizando a Nasa do que aconteceu, sem mencionar Ian (a pedido dele), mas incluindo uma reclamação formal contra Merel.

Depois disso, me deparo com um raro momento de encanto: consigo me conectar ao minirrover em campo. Solto um gritinho de prazer quando percebo que ele está coletando exatamente os dados de que eu precisava. Olho para as informações que chegam, lembro-me do que Ian disse no barco sobre como meu projeto seria valioso para futuras missões e quase choro.

Não sei. Talvez eu ainda esteja um pouco sensível.

Partimos no dia seguinte. Fiz o que tinha me comprometido a fazer na

Amase (surpreendentemente, com sucesso), e Ian precisa estar no LPJ em três dias. A primeira viagem de avião é de Svalbard a Oslo, em uma daquelas aeronaves minúsculas que decolam de aeroportos minúsculos com seus assentos minúsculos e lanches minúsculos de cortesia. Ian e eu não conseguimos nos sentar lado a lado, nem no voo de Oslo a Frankfurt. Passo o tempo olhando pela janela e assistindo às reprises de *JAG – Ases invencíveis* com legendas em norueguês. No final do terceiro episódio, suspeito fortemente que "*skyldig*" signifique "culpado".

– Então acho que "*ikke*" significa "não" – diz Ian enquanto me empurra na cadeira de rodas pelo aeroporto de Frankfurt. Eu me viro para olhar para ele, intrigada. – O que foi? Eu também estava vendo *JAG*. É muito boa. Me lembra a infância.

– Jura? Você costumava assistir a uma série sobre advogados militares com seu pai traficante?

Ele me dirige um olhar acanhado, e começo a rir.

– Harm e Mac acabam juntos no final? – pergunto.

Ele dá um meio sorriso.

– Sem spoilers.

– Ah, por favor.

– Você vai ter que assistir pra descobrir.

– Ou eu posso procurar na Wikipédia.

Ele continua sorrindo, como se achasse que eu não vou fazer isso. E tem razão.

Na última etapa da viagem, conseguimos nos sentar juntos. Ian me deixa ficar na janela sem que eu precise pedir e se acomoda ao meu lado depois de guardar nossas malas e colocar um travesseiro sob meu pé imobilizado. Ele é largo e robusto, suas pernas são compridas demais para o espaço pequeno e, uma vez que afivelamos os cintos, a impressão é de que ele está bloqueando o resto do mundo. Uma parede, mantendo-me a salvo do barulho e da agitação. Tenho me sentido inquieta desde o barco e com dificuldade para descansar direito, tirando apenas uns cochilos muito curtos, mas, alguns minutos depois de decolar, meus olhos começam a pesar. A última coisa que faço antes de adormecer é encostar a cabeça no ombro de Ian. A última coisa que me lembro de ele fazer é abaixar o corpo um pouco mais, para ter certeza de que estou o mais confortável possível.

Acordo em algum lugar sobre o Atlântico e fico perfeitamente imóvel por

vários minutos, minha têmpora contra o braço dele, o cheiro limpo de suas roupas e de sua pele em minhas narinas. Ele está olhando para o tablet, lendo um artigo sobre propulsão a plasma. Passo os olhos em algumas linhas na seção de métodos antes de dizer:

– Eu não costumo ser assim.

Ele não parece surpreso que eu esteja acordada.

– Assim, como?

Reflito por alguns segundos.

– Carente. – Reflito um pouco mais. – Grudenta.

– Eu sei.

Não consigo ver seu rosto, mas sua voz é baixa e gentil.

– Como sabe?

– Eu conheço você.

Meu primeiro instinto é me afastar, indignada. Algo dentro de mim odeia a ideia de que alguém me conheça, porque isso significa ser rejeitada. Não é assim que funciona?

– Não. Você não me conhece, não. Tipo, a gente nunca nem transou.

– É verdade. – Ele assente e seu queixo roça no meu cabelo. – Você teria deixado eu te conhecer se a gente tivesse transado?

– Não. – Eu bocejo e me endireito, arqueando o corpo para esticar minhas costas doloridas. – Você pensa nisso?

– Nisso o quê?

– Naquela tarde. Cinco anos atrás.

– Muito – diz ele de pronto, sem hesitar.

Sua expressão é indecifrável para mim. Totalmente impossível de interpretar.

– Foi por isso que você veio me resgatar? – provoco. – Porque estava pensando nisso? Porque tem ansiado secretamente por isso há anos?

Ele me olha diretamente nos olhos.

– Acho que nunca escondi isso de você.

Ele volta para o tablet, ainda calmo, ainda relaxado. Então, depois de vários minutos e alguns bocejos, ele fecha os olhos e inclina a cabeça para trás. Desta vez, só ele pega no sono, e eu fico acordada, olhando para a linha bem marcada de seu pescoço, incapaz de impedir que meus pensamentos girem loucamente dentro da minha cabeça.



Quando saímos da área de desembarque do aeroporto de Houston, há uma placa no meio da multidão, semelhante às que os motoristas de limusine seguram nos filmes quando vão buscar clientes importantes que temem não reconhecer.

HANNAH ARROYO, diz. E embaixo: QUE QUASE MORREU E NEM SEQUER NOS CONTOU. ALÉM DISSO, ELA SEMPRE SE ESQUECE DE TROCAR O ROLO DE PAPEL HIGIÊNICO. AMIGA DE MERDA.

É uma placa bem grande. Ainda mais porque está sendo empunhada por duas garotas não muito altas, uma ruiva e uma morena, me encarando.

Eu me viro para Ian. Ele passou as últimas quatro horas dormindo e acordando e ainda parece grogue, o rosto relaxado. *Bonito*, penso. E logo depois: *Delicioso*. *Lindo. Quero*. Mas não digo nada e, em vez disso, pergunto:

– O que as minhas amigas idiotas estão fazendo aqui?

Ele dá de ombros.

– Achei que você fosse gostar de conversar sobre a sua experiência de quase morte com alguém, então contei pra Mara o que aconteceu. Eu não esperava que ela viesse pessoalmente.

– Muito prepotente da sua parte presumir que eu mesma já não contei pra ela.

Ele ergue a sobrancelha.

– Contou?

– Eu *ia contar*. Assim que me sentisse um pouco menos *chorona*. E… deixa pra lá. – Reviro os olhos. Uau, como sou madura. – Como você passou de não lembrar o nome da Mara pra ter o número do telefone dela?

– Tive que fazer coisas indescritíveis.

Solto um arquejo.

– A tia-avó Delphina? Não!

Ele comprime os lábios e assente devagar, tristemente.

– Ian, eu sinto muito mes…

Não consigo terminar a frase, porque estou sendo atacada por dois goblins pequenos mas surpreendentemente fortes. Cambaleio sobre meu único tornozelo funcional, quase sufocando quando seus braços envolvem

meu pescoço com força.

– Por que vocês estão aqui?

– Porque sim – responde Mara contra o meu ombro.

Ambas estão chorando, essas fracas de coração mole. Meu Deus, como eu amo as duas.

– Gente. Segura a onda. Eu nem *morri*.

– E queimadura de frio, teve alguma? – murmura Sadie na minha axila.

Eu tinha esquecido como ela é baixinha.

– Não muitas.

– Quantos dedos do pé amputados?

– Três.

– Não é tão ruim assim – diz Mara com uma fungada. – A pedicure sai mais barata.

Dou uma gargalhada e inspiro profundamente. Elas têm um cheiro maravilhoso, uma mistura de algo mundano e familiar, como terminais de aeroporto e seus xampus favoritos que eu costumava roubar no nosso apartamentinho apertado em Pasadena.

– Sério, gente, o que estão fazendo aqui? Vocês não têm, tipo, um trabalho?

– Nós tiramos dois dias de folga e a minha vizinha está tomando conta do Ozzy, sua *ingrata* – diz Sadie antes de começar a chorar ainda mais.

Eu a puxo para ainda mais perto e dou um tapinha em suas costas.

A poucos metros de nós, dois homens altos estão conversando baixinho um com o outro. Reconheço Liam e Erik de suas participações especiais em nossas chamadas de vídeo noturnas via FaceTime e aceno para eles com a minha melhor cara de "Essas duas, hein?". Eles acenam de volta e respondem com meneios de cabeça carinhosos que me dizem que concordam em quinhentos por cento.

– Ah… Ian? Você é o Ian, né? – Mara se desprende do nosso abraço. – Muito obrigada por ter ligado. Essa tonta nunca teria dividido com a gente a gravidade do que aconteceu. E, é… me desculpa por não ter entrado em contato nos últimos… quinze anos?

– Não se desculpa, não – digo a ela. – Até vinte minutos atrás ele achava que o seu nome era Melissa.

Ela franze a testa.

– O quê? Sério?

Ian pisca do meu lado, sem ação, parecendo um pouco envergonhado.

– Bem, mesmo assim. – Ela dá de ombros. – Eu juro que não tenho nada contra você pessoalmente. Só não sou muito fã de modo geral da família Floyd.

– Também não sou.

Os olhos de Mara se iluminam.

– São pessoas terríveis, né?

– As piores.

– *Obrigada.* Ei, a gente devia romper com eles! Formar nosso próprio clã. Sabe aquele vídeo de você fazendo xixi em uma Lowe's que eles me forçaram a ver várias vezes? Eu nunca mencionaria isso de novo.

Ian sorri.

– Parece uma boa ideia.

Mara sorri de volta, mas então ela se inclina para me abraçar mais uma vez e sussurrar no meu ouvido:

– Eu não tenho certeza se ele é mesmo um Floyd. O cabelo dele quase não é vermelho.

Eu caio na gargalhada. Acho que finalmente estou em casa.



Quero ficar acordada e aproveitar a alegria de ter Sadie e Mara ao meu lado outra vez, mas não consigo e simplesmente desmaio no segundo em que chegamos à minha casa. Acordo no meio da noite, com Sadie e Mara uma de cada lado na minha cama queen-size, e meu coração está tão cheio de amor que tenho medo de que transborde. Aparentemente, me tornei uma dessas pessoas, uma fã de gatinhos de pelúcia com chifre de unicórnio e as cores do arco-íris. *Aff.*

Ainda grogue, me pergunto para onde seus namorados foram, adormeço logo em seguida e descubro a resposta apenas algumas horas depois, quando o sol brilha na minha cozinha e estamos sentadas à mesa bagunçada.

– Eles iam ficar num hotel – diz Mara. Ela está comendo um pacote de biscoitinhos de queijo no café da manhã sem nenhum constrangimento. – Mas Ian falou que podiam dormir na casa dele.

– Ah, é?

Minha geladeira está abastecida, embora eu a tenha desligado antes de partir para a Noruega. Há várias caixas de cereal fechadas em cima dela e frutas frescas em uma cesta que eu não sabia que tinha. Fico me perguntando qual dos adultos de confiança na minha vida é responsável por isso.

– Ele tem espaço pra isso?

– Ele falou que a casa é grande.

– Hum.

Não acredito que o namorado viking de Sadie conseguiu conhecer o apartamento de Ian antes de mim.

– Então – diz ela –, essa parece ser a deixa perfeita pra te interrogar e descobrir se você está transando com o primo da Mara. Mas é óbvio que está. Então, como você quase virou picolé no polo Norte, vamos pegar leve com você.

– Muito gentil da sua parte. – Pego uma uva da cesta misteriosa. – Mas não estou.

– Mentira.

– Não estou, juro. A gente deu uns pegas cinco anos atrás, quando nos encontramos pra entrevista da Helena. Depois tivemos uma megadiscussão uns seis meses atrás, quando mandei ele à merda depois que vetou minha expedição porque era muito perigosa… Não porque ele achava que eu era uma idiota, como me disseram. Aí ele salvou a minha vida quando eu quase morri nessa expedição.

Não menciono nossa noite juntos no barco, porque… no fundo, não há nada a dizer. Tecnicamente, não aconteceu nada.

– Peraí – diz Sadie. – A gente já sabia que foi ele quem vetou o seu projeto? E a gente sabia sobre esse lance aí de cinco anos atrás? A gente esqueceu tudo isso?

– Não – diz Mara. – A gente *jamais* teria esquecido. Obrigada por nos manter atualizadas sobre a sua vida, Hannah.

– Vocês teriam interesse em saber?

O "Com certeza" delas vem simultaneamente.

– Tá bem, vamos lá. A gente meio que se pegou no LPJ. Aí ele me convidou pra jantar. Eu disse que não curtia encontros, namoro e tal, mas que transaria com ele de qualquer maneira. Ele não estava interessado, e cada um seguiu seu caminho. – Dou de ombros. – Agora vocês já sabem.

Mara me fuzila com o olhar.

– Uau. Bem na hora certa.

Sopro um beijo para ela.

– Mas as coisas mudaram, né? – pergunta Sadie. – Tipo… Ontem à noite ele carregou você no colo por sete andares de escada porque o elevador estava quebrado. É óbvio que ele gosta de você.

– É – concorda Mara. – Você vai partir o coração do meu parente de sangue? Não me entenda mal, eu continuaria do seu lado. Amigas primeiro.

– Você nem conhece o seu "parente de sangue".

– Ei, ele é meu primo ou algo assim.

Sadie dá um tapinha no ombro dela.

– É esse "*ou algo assim*" que sempre me pega. Dá pra realmente sentir os laços familiares indissolúveis.

– Nós declaramos independência ontem à noite. Somos os fundadores da família Floyd 2.0. E você – diz ela, apontando para mim – poderia se juntar a nós.

– Ah, é?

– Sim. Se desse uma chance pro Ian.

– Eu… sei lá.

Penso em como ele apertou minha mão enquanto o avião pousava. Na maneira como ele pediu biscoitos em vez de pretzels porque eu disse que preferia. No seu braço ao redor dos meus ombros na Noruega enquanto o recepcionista fazia o nosso check-in no hotel. Nele adormecendo ao meu lado enquanto eu percebia quão cansativo, quão fisicamente exigente deve ter sido me tirar da situação idiota em que me meti, mesmo que ele não tenha manifestado nenhum incômodo com isso.

Eu não gosto da palavra *namoro*. Eu não gosto nem da *ideia em si*. Mas com Ian… Sei lá. Parece diferente com ele.

– Acho que vamos ter que pagar pra ver. Não sei se *ele* gostaria de namorar comigo – digo, olhando para os Froot Loops de Sadie. O silêncio subsequente se arrasta tanto que sou forçada a erguer os olhos. Ela e Mara estão me encarando como se eu tivesse acabado de anunciar que estou largando meu emprego para me dedicar a fazer macramê em tempo integral.
– O que foi?

– Ela realmente acabou de usar a palavra *namorar*? – pergunta Mara a Sadie, fingindo que não estou sentada *bem aqui*.

– Acho que sim. E *sem* fazer cara de nojo.

Dou um pigarro. Elas se voltam para mim.

– Então você vai sair com ele? – indaga Mara.

Dou de ombros. Tento pensar a respeito. A ideia é tão esquisita para mim que meu cérebro demora a assimilar. Mas lembrar do jeito que Ian sorriu para mim em Svalbard me ajuda a superar isso.

– Acho que vou perguntar. Se ele quer.

– Levando em consideração que ele salvou a sua vida, entrou em contato com a tia-avó Delphina e levou pra casa dele dois caras que nunca viu antes pras suas amigas poderem passar um tempo com você… talvez ele queira.

Assinto, meus olhos fixos no espaço entre nós três.

– Sabe, quando eu caí, o líder da expedição disse que ninguém iria me resgatar. Mas… ele foi. Ian foi. Sendo que ele nem deveria estar lá.

Sadie franze a testa.

– Está querendo dizer que acha que *tem que* sair com ele por causa disso?

– Não. – Sorrio para ela. – Como você sabe, é praticamente impossível me obrigar a fazer alguma coisa que eu não queira.

– Eu sempre consigo – discorda Sadie.

– Não é verdade.

– É, sim. Por exemplo, em dez minutos vou levar você ao médico da Nasa cujo endereço Ian anotou. Pra ver como está o seu pé.

Fecho a cara.

– De jeito nenhum.

– Vou, sim.

– Sadie, eu estou bem.

– Acha mesmo que vai ganhar essa batalha?

– Com certeza.

Ela se inclina sobre sua tigela de cereal com um sorrisinho.

– Muito bem, querida. Que vença a melhor.

❄

Sadie vence, naturalmente.

Depois que o médico me diz coisas que eu já sabia – entorse alta do tornozelo, blá-blá-blá – e imobiliza meu pé com uma bota melhor para andar, levo Sadie e Mara à minha cafeteria favorita. Os voos delas partem só

tarde da noite, e nós aproveitamos o máximo que podemos do dia. Quando chegamos ao apartamento de Ian, eu espero…

Não sei o que esperar, na verdade. Com base no que sei sobre as personalidades dos rapazes, imaginei que fôssemos encontrá-los sentados em silêncio, verificando e-mails de trabalho. Pigarreando de vez em quando, quem sabe. Mas Ian libera nossa entrada pelo interfone e, quando entramos na ampla sala de estar, avistamos os três esparramados num sofá modular imenso, cada um segurando um controle de PlayStation enquanto gritam na direção da TV. Uma inspeção mais aprofundada revela que os avatares de Liam e Ian estão atirando em algum monstro gelatinoso, enquanto o de Erik se encolhe no canto mais distante da tela. Ele está gritando algo que pode ser dinamarquês. Ou Klingon.

Nenhum deles parece ter se dado ao trabalho de tomar banho ou trocar o pijama. Há duas caixas de pizza vazias na mesa de centro de madeira, latas de cerveja espalhadas pelo chão, e tenho certeza de que acabei de pisar em um Cheetos. Paramos na entrada, mas, se eles notam nossa chegada, não demonstram. Continuam jogando até que Liam é atingido por uma bala perdida e grunhe feito um animal ferido.

– Eu odeio amar esse cara – murmura Mara baixinho.

Sadie suspira.

– Pelo menos o seu não está correndo contra a parede porque não sabe usar o controle.

– Gente – digo a elas, balançando a cabeça –, pode ser que eu tenha me equivocado ao aprovar o namoro de vocês. Talvez consigam coisa melhor.

Mara bufa e fala:

– Peraí. Aquilo na camisa do Ian é uma rodela de pepperoni?

Claro que é.

– Touché – digo.

Sadie dá um pigarro.

– Meninos, é muito bom estarem se divertindo, mas a gente precisa ir se quiser chegar a tempo…

Eles gemem em coro. Feito crianças de 10 anos quando os pais pedem que limpem o próprio quarto.

– Eu não estou nem acreditando que eles realmente *gostam* um do outro – diz Mara, confusa.

Sadie assente e comenta:

– Não sei como me sinto em relação a isso. Parece… perigoso?
Cubro a boca para conter a risada.



Capítulo Nove

Ian está me levando para casa depois de deixarmos todo mundo no aeroporto – e de eu testemunhar uma perturbadora troca de telefones entre os rapazes e algumas lágrimas de Mara e Sadie. Definitivamente estou me sentindo muito mais eu mesma, porque me despedi delas na área de embarque com um firme "Parem de chorar" e tapinhas na bunda.

– Tenta não cair numa geleira por pelo menos seis meses, tá bem? – gritou Sadie lá do outro lado.

Mostrei o dedo do meio para ela e fui mancando até o carro de Ian.

– Agora entendo por que você ama tanto as duas – diz ele enquanto dirige para minha casa.

– Eu não amo. Só finjo, pra não magoar os sentimentos de ninguém.

Ele sorri, como se soubesse que falei isso da boca para fora, e ficamos quietos pelo resto da viagem. A estação de rádio toca músicas pop antigas do início dos anos 2000, e olho para o brilho amarelo das luzes da rua, me perguntando se também já sou "antiga". Então Ian diminui a velocidade para estacionar em frente ao meu prédio, e aquele sentimento relaxado e feliz

diminui conforme meu coração acelera.

Eu disse a Sadie e Mara que perguntaria se ele está interessado em sair comigo, só que é mais fácil falar do que fazer. Já chamei muitas pessoas para sair, mas isso aqui… parece diferente. Não vou me sair bem. Vou fazer uma grande merda. E Ian vai perceber imediatamente.

– Você… – começo a falar. Então paro. Meus joelhos de repente parecem incrivelmente interessantes. Obras de arte que exigem minha mais dedicada inspeção. – Eu estava pensando se…

– Não se preocupa, eu vou te carregar lá pra cima – diz ele.

Ele está vestindo calça jeans e uma camisa azul-oceano que combina com seus olhos e contrasta com seu cabelo e…

É assustador como eu o acho atraente. A profundidade dessa minha paixonite. Gostei dele desde o início, mas meus sentimentos foram crescendo de forma constante, depois exponencialmente, e… o que eu *faço* com isso? É como ganhar um instrumento que nunca aprendi a tocar e depois ser convidada a subir ao palco em uma sala de concertos estando totalmente despreparada.

Respiro fundo.

– Na verdade, eles consertaram o elevador. E estou andando melhor com essa bota nova. Então, não precisa. Mas você… – *Você consegue, Hannah. Vamos lá. Você sobreviveu aos ursos-polares graças a esse cara. Você é capaz de dizer as palavras.* – Você podia subir mesmo assim.

Segue-se um silêncio demorado, no qual sinto meu batimento cardíaco em cada centímetro do meu corpo. Ele se estende até ficar insuportável, e, quando não consigo mais evitar e ergo os olhos, encontro Ian me encarando com uma expressão que só pode ser descrita como… de lamento. Como se ele soubesse muito bem que vai ter que me decepcionar.

Merda.

– Hannah – diz ele, em tom de quem pede desculpa. – Não acho uma boa ideia.

– Tá bem. – Engulo em seco e assinto. Tento afastar o peso no meu peito para lidar com ele mais tarde. Meu Deus, vai ser bem ruim quando esse "mais tarde" chegar. – Tá bem.

Ele assente também, aliviado com a minha compreensão. Meu coração se parte um pouco.

– Mas, se precisar de alguma coisa, qualquer coisa…

– … você vai estar por perto. Certo. – Sorrio, e… talvez eu ainda não esteja cem por cento eu mesma, porque começo a sentir as lágrimas outra vez. – Obrigada, Ian. Por tudo. Absolutamente tudo. Ainda não consigo acreditar que você foi até lá me buscar.

Ele inclina a cabeça.

– Por quê?

– Sei lá. Eu só… – Eu poderia inventar uma resposta para ele. Mas parece injusto. Ele merece mais de mim. – Simplesmente não consigo acreditar que *alguém* faria isso por mim.

– Entendi. – Ele suspira e morde o lábio inferior. – Hannah, se isso mudar... Se algum dia você se achar capaz de acreditar que alguém poderia se importar tanto com você... e se realmente quiser… *jantar* com esse alguém... – Ele dá risada. – Bem… por favor, lembra de mim. Sabe onde me encontrar.

– Ah. Ah, eu… – Sinto o calor subir pelo meu rosto. Estou corando? Eu nem sabia que meu corpo era capaz disso. – Na verdade, eu não estava te convidando pra subir só pra… Quer dizer, talvez pra isso também, mas principalmente… – Fecho os olhos. – Eu me expressei mal. Estava te convidando porque eu adoraria *jantar*. Com *você* – consigo falar.

Quando reúno coragem para abrir os olhos, a expressão de Ian é de perplexidade.

– Você está… – Acho que ele desaprendeu a respirar. Ele pigarreia, tosse uma vez, engole, tosse de novo. – Está falando sério?

– Aham. Quer dizer – apresso-me a acrescentar –, ainda acho que você não vai gostar. Eu só… realmente *não sou* esse tipo de pessoa.

– Que tipo de pessoa?

– O tipo de pessoa com quem os outros gostam de estar pra qualquer coisa que não seja… bem, sexo. Ou relacionada a sexo. Ou que leve diretamente a sexo.

– Hannah. – Ele me dirige um olhar cético. – Você tem duas amigas que largaram tudo pra estar aqui com você. E suponho que não tenha rolado sexo.

– Não. E eu… eu largaria tudo por elas, mas elas são diferentes. Elas são as minhas amigas mais queridas e… – Caramba, eu *estou mesmo* prestes a chorar. Mas que merda, você quase morre uma vez e sua estabilidade mental fica toda ferrada! – Tem muita gente que discorda. Como a minha família. E você… você provavelmente vai acabar não gostando de mim.

Ele sorri.

– Parece improvável, porque eu já gosto de você.

– Então você vai parar de gostar. Você… – Corro a mão pelo cabelo, desejando que ele entenda. – Você vai mudar de ideia.

Ele olha para mim como se eu fosse um pouco doida.

– Ao longo de um jantar?

– Sim. Vai me achar um desperdício de tempo. Chata.

Ele parece estar… achando graça. Como se eu fosse ridícula, o que… sei lá, talvez eu seja.

– Se isso acontecer, eu te coloco pra trabalhar. Pra depurar um código pra mim.

Rio um pouco e olho pela janela. Não há carros a esta hora da noite, ninguém passeando com o cachorro ou andando pelas calçadas. Somos apenas Ian e eu na rua. Eu amo e odeio isso.

– Ainda acho que você ia aproveitar mais se a gente transasse – murmuro.

– Concordo.

Eu me viro para ele, surpresa.

– Você concorda?

– É claro. Acha que eu *não* quero transar com você?

– Eu… Talvez?

– Hannah. – Ele desafivela o cinto de segurança e fica de frente para mim, de modo que não tenho escolha a não ser olhá-lo nos olhos. Ele parece sério e quase ofendido. – Há cinco anos eu penso todos os dias no que aconteceu aquele dia no meu escritório. Você perguntou se podia me chupar, e eu acabei… passando vergonha, e essa deveria ser a lembrança mais constrangedora da minha vida, mas por alguma razão se transformou no eixo em torno do qual giram todas as minhas fantasias e... – ele estende a mão para beliscar a ponte do nariz – … eu quero transar com você. É óbvio. Sempre quis. Eu só não quero transar com você *uma vez*. Quero várias vezes. Por muito tempo. Quero que você recorra a mim pra isso, mas também quando precisar de ajuda com o imposto de renda e pra trocar os móveis de lugar. Quero que transar seja apenas uma das milhões de coisas que faço por você, e quero ser… – Ele para. Parece se recompor e se endireita, como se quisesse me dar espaço. Nos dar espaço. – Desculpa. Eu não quero sufocar você. Você pode…

Ele recua alguns centímetros, e tudo que consigo fazer é olhar para ele boquiaberta. Chocada. Sem fala. Absolutamente… Isso aconteceu mesmo? Está acontecendo de verdade? E a pior parte é que tenho quase certeza de que suas palavras tiraram algo do lugar dentro do meu cérebro, porque a única coisa que consigo formular como resposta a tudo que ele disse é:

– Isso é um sim pro jantar?

Ele dá uma risadinha baixa, linda e um pouco triste. E, depois de olhar para mim como ninguém nunca fez antes, ele responde:

– Sim, Hannah. Isso é um sim pro jantar.



– Hum, posso fazer um… – digo, e coço a cabeça, analisando o conteúdo da minha geladeira aberta.

Sim, ela está bem cheia. O problema é que está cheia exclusivamente de coisas que precisam ser cozidas, picadas, assadas, preparadas. Coisas que são saudáveis e que não são particularmente saborosas. Agora tenho 93% de certeza de que foi Mara quem fez as compras, porque ninguém mais ousaria me obrigar a comer brócolis.

– Como é que se… Eu cozinho o brócolis, talvez? Em uma panela? Com água?

Ian está de pé atrás de mim, seu queixo apoiado na minha cabeça, o peito pairando bem atrás das minhas costas.

– Cozinha o brócolis numa panela com água – diz ele.

– Daí eu coloco o sal depois, claro.

– Você quer comer brócolis?

Ele parece descrente. Devo ficar ofendida?

Não, Ian. Eu não quero comer brócolis. Nem estou com fome, para ser sincera. Mas eu assumi um compromisso. Sou uma pessoa capaz de jantar com outro ser humano. E vou provar isso para você.

– Posso fazer um sanduíche, então. Tem uns frios fatiados ali.

– Acho que são tortilhas.

– Não, são… Merda. Tem razão.

Suspiro, bato a porta da geladeira e me viro. Ian não dá nenhum passo sequer. Tenho que me encostar na geladeira para poder olhar para ele.

– O que você acha de Froot Loops?

– O cereal?

– Sim. Café da manhã no jantar. *Se* ainda tiver leite. Deixa eu ver…

Ele não deixa. Em vez disso, envolve meu rosto com as mãos e se inclina na minha direção.

Nosso primeiro beijo, cinco anos atrás, foi uma iniciativa puramente minha. Eu fui na direção dele. Eu tomei a iniciativa. Eu o guiei. Neste beijo, porém… é Ian quem dita tudo. O ritmo, o andamento, o jeito que sua língua lambe minha boca – *tudo*. Dura um minuto, depois dois, depois um período incontável de tempo que dá lugar a uma confusão envolvendo calor líquido e mãos trêmulas e ruídos baixos e indecentes. Meus braços envolvem o pescoço dele. Uma de suas pernas desliza entre as minhas. Percebo que isso vai terminar exatamente como nossa tarde no LPJ. Nós dois completamente fora de controle, e…

– Para – digo, mal conseguindo respirar.

Ele recua.

– Para? – pergunta ele, sem respirar.

– Jantar primeiro.

Ele solta o ar com força.

– Sério? *Agora* você quer jantar?

– Eu prometi.

– Prometeu?

– Sim. Estou tentando… te mostrar que…

– Hannah. – A testa dele toca a minha. Ele ri contra a minha boca. – O jantar é… simbólico. Uma metáfora. Se você me diz que está disposta a ver onde as coisas vão dar, eu acredito em você, e nós podemos…

– Não – digo, teimosa. A vontade de tocá-lo é quase dolorosa. Não consigo me lembrar da última vez que senti tanto tesão. – Nós vamos ter o nosso jantar simbólico. Eu vou te mostrar que… O que está fazendo?

Ele está, creio eu, virando-se para pegar duas uvas do mesmo cacho que comi pela metade hoje de manhã. Ele pressiona uma delas contra os meus lábios até eu mordê-la e coloca a outra na própria boca. Nós dois mastigamos por um tempo, olhos fixos um no outro. Ele termina antes de mim, começa a me beijar de novo e… já era.

– Terminou de comer o seu jantar? – pergunta ele contra os meus lábios. Faço que sim com a cabeça. – Ainda está com fome?

Faço que não, então ele me pega no colo e me carrega para o…

– Porta errada! – digo quando ele tenta entrar no banheiro, depois no armário onde guardo o aspirador de pó que nunca uso e o único par de lençóis sobressalentes que possuo.

Quando chegamos na cama, estamos rindo. Nossos dentes colidem quando tentamos e fracassamos em continuar nos beijando enquanto nos despimos, e fico pensando que nunca vivi algo assim antes, tão íntimo e tão divertido ao mesmo tempo.

– Deixa… que eu… – Termino de tirar a camisa dele e olho para o seu tórax, hipnotizada. É pálido e largo, cheio de sardas e músculos definidos. Quero morder e lamber seu corpo inteiro. – Você é tão…

Ian tira a bota do meu pé. Ele a coloca de lado, próximo à calça do pijama que joguei no chão esta manhã, então me ajuda a despir minha calça jeans.

– Vermelho? E sardento?

Dou risada.

– Sim.

– Foi o que eu…

Eu o empurro até que ele esteja deitado na cama. Então monto nele e tiro a blusa, ignorando a leve pontada que sinto no tornozelo. Este deveria ser um terreno conhecido para mim, o corpo a corpo, pele com pele. Simplesmente percebendo o que é bom e depois fazendo mais. Deveria ser algo familiar, mas não tenho certeza se é. Estar aqui com Ian é mais como ouvir uma música que ouvi milhões de vezes, só que desta vez com um novo arranjo.

– *Meu Deus*, você é tão… Como fica melhor pra você? – pergunta ele entre uma respiração e outra. – Por causa do tornozelo.

– Não se preocupa, não está doen… – Eu paro quando me dou conta de algo. – Você tem razão. Estou machucada.

Seus olhos se arregalam.

– A gente não precisa…

– Isso significa que eu provavelmente devia ficar no controle.

Ele assente.

– Mas a gente não precisa…

Ele se cala no momento em que minha mão alcança o zíper de sua calça jeans. E fica em silêncio, respirando com força, olhando hipnotizado para a maneira como continuo a despi-lo, devagar, metódica, determinada. Sua cueca está inflada. Seu pau é grande e está duro. Lembro-me de tocá-lo pela

primeira vez e pensar em como o sexo seria bom.

Só não pensei que levaríamos cinco anos para chegar lá.

– Hannah – diz ele.

Passo a mão por dentro da fenda de sua cueca para tocá-lo. No segundo em que meus dedos se fecham ao redor dele, suas narinas se dilatam.

– Oi?

– Acho que você não entende como… Caralho.

Ian é gostoso e imenso. Ele fecha os olhos e arqueia o pescoço antes de olhar para mim novamente com uma expressão meio de advertência, meio de súplica. Observa enquanto me sento nos joelhos dele, seu pau latejando na minha mão fechada enquanto me inclino para a frente.

– Hannah – diz ele, sua voz ainda mais grave que o habitual. – O que você está…

Começo lambendo a cabeça de forma minuciosa, delicada. Mas ele é macio e quente contra a minha língua, e eu imediatamente fico impaciente. Jogo o cabelo para o lado para que não fique no caminho e fecho os lábios ao redor do pau dele, chupando suavemente uma, duas vezes, e então…

Ouço um grunhido. Em seguida o som de algo se rasgando. Com o canto do olho, noto a mão de Ian agarrando o lençol. Ele acabou de rasgar meu…

– Para! – diz, implora, ordena ele.

Franzo a testa.

– Você não está gostando?

– Não é… – Fecho a mão ainda mais forte ao redor da sua ereção, e quase posso ouvir seus dentes rangendo. Suas bochechas estão coradas e brilhantes. Em um tom vermelho-Marte. – Não pode ser assim. Não na primeira vez. A gente tem que fazer isso de um jeito que não me faça…

Dou um beijo suave e demorado na base. Ele inspira fundo uma vez, ruidosamente, pelo nariz.

– Então o que você está dizendo é… que não quer gozar?

– Tem mais a ver com… *merda*… manter a minha dignidade – responde.

– A dignidade é superestimada – digo antes de correr meus dentes em todo o seu comprimento para levar a cabeça à boca novamente.

Desta vez, ele parece apenas ceder. Sua mão desliza pelo meu cabelo, segura a parte de trás da minha cabeça, e por um segundo Ian me mantém ali. Me puxa para mais perto. Me pressiona contra si até que eu sinta a cabeça do seu pau batendo no fundo da minha garganta. Eu me submeto a Ian,

apreciando a sensação de vê-lo perder o controle, o sabor salgado, suas coxas trêmulas, o jeito impotente com que puxa meu cabelo para me fazer ir mais e mais fundo, melhor…

De repente, está tudo de cabeça para baixo. Sou arrastada por cima dele, virada de costas na cama. Uma de suas mãos consegue segurar meus dois punhos acima da minha cabeça, e, quando olho para cima, eu o vejo me encurralando. Primeiro noto o pânico em seus olhos, depois quão perto ele estava de gozar e, por fim, o puro alívio de ter conseguido evitar que isso acontecesse.

– Hannah – diz ele, em tom de comando.

– O quê?

Seu pênis pulsa contra minha barriga.

– Acho que quem vai ficar no controle agora sou eu.

Faço biquinho.

– Mas eu…

– Sinto muito, mas… não tem opção. Eu vou meter em você. Não vou gozar na sua…

Ele não conclui a frase. Apenas se inclina para me beijar, e, quando ele termina, estou concordando com a cabeça, sem fôlego.

– Você tem camisinha?

– Não. Mas tomo pílula. Podemos transar sem camisinha se você não for me passar nenhuma doença. Mas acho que você não me salvaria das morsas só pra depois me matar de clamídia, então…

Acho que ele gosta da ideia de não usarmos camisinha. Acho que ele ama a ideia, porque primeiro me beija até ficarmos sem ar, então começa a remover tudo – até a última camada de roupa – de nós dois.

A verdade é que não consigo me lembrar da última vez que estive totalmente nua com alguém. Quando estou fazendo sexo – o tipo de sexo que costumo fazer –, sempre tende a restar alguma estranha camada de roupas. Um sutiã, uma regata. Uma calcinha apenas afastada. Com meus parceiros acontece o mesmo: cuecas torcidas na altura dos tornozelos, saias puxadas para cima, camisas abertas na frente mas ainda fechadas nos punhos.

Eu nunca tinha pensado muito sobre isso, mas a falta de intimidade por trás daquelas transas fica muito evidente agora. Agora que Ian está curvado sobre mim, chupando meus seios como se fossem frutas maduras, sua língua doce e áspera contra a parte de baixo macia, alternando entre excessivo e não

o suficiente.

Ele abre minhas pernas com o joelho, se posiciona bem entre elas, e espero que deslize para dentro em um movimento suave. Com certeza estou molhada o suficiente, e a maneira como ele aperta minha cintura revela sua ânsia. Mas por longos segundos Ian parece satisfeito em mordiscar meus seios. Mesmo que eu possa sentir sua ereção, quente e um pouco molhada, roçando na parte interna da minha coxa sempre que ele se mexe. Isso me leva a ofegar e ele a gemer, algo profundo e intenso subindo da boca do seu estômago.

– Achei que você tivesse dito que queria meter – comento, soltando o ar com força.

– Eu quero – diz ele. – Mas isso… isso também é bom.

– Não tem como – digo e sou interrompida por uma inspiração profunda –, não tem como você gostar tanto assim dos meus peitos, Ian.

Sinto uma mordida suave, bem ao redor da parte dura do meu mamilo. Minhas costas descolam da cama.

– Por quê?

– Porque… eles são… Ninguém nunca gostou.

Não quero mencionar o fato de que meus seios não têm nada de especial, porque ele provavelmente já sabe, uma vez que estiveram em sua boca durante a maior parte dos últimos dez minutos.

– Você tem os peitinhos mais perfeitos. Eu sempre achei. Desde a primeira vez que te vi. Especialmente na primeira vez que te vi. – Ele chupa um enquanto belisca o outro. E é... preciso. Bom. Entusiasmado. Safado. – São tão bonitos quanto as colinas Colúmbia.

Uma risada sufocada borbulha para fora de mim. É absurdamente bom ter alguém comparando meu corpo com um acidente geográfico de Marte. Ou talvez seja bom ter alguém que conhece as colinas Colúmbia mexendo nos meus mamilos e olhando para eles como se fossem a oitava e a nona maravilhas do universo.

– Isto – murmura ele contra a pele do meu esterno – é a Medusa Fossae. Inclusive tem essas sardinhas lindas.

Seus dentes se fecham ao redor da minha clavícula direita. Isso me daria tesão mesmo se a cabeça do seu pau não estivesse começando a roçar minha boceta. É umidade encontrando umidade, muita ânsia vinda dos dois lados, uma confusão prestes a acontecer. Coloco os braços em volta do pescoço de

Ian e puxo seus ombros enormes na minha direção, como se ele fosse o sol do meu próprio sistema estelar.

– Hannah. Eu não achava que era capaz de te desejar ainda mais, mas, ano passado, quando te vi na Nasa, eu… – A fala dele está arrastada. Ian Floyd, sempre calmo, equilibrado, articulado. – Pensei que fosse morrer se não te comesse.

– Pode me comer agora – digo gemendo, impaciente, puxando seu cabelo enquanto ele se move mais para baixo. – Você pode me comer como e onde quiser.

– Eu sei. Eu sei, você vai me deixar fazer tudo que eu quiser. – Ele solta o ar fazendo cócegas ao longo da minha caixa torácica. – Mas talvez eu queira brincar com a cratera Herschel primeiro.

Sua língua mergulha dentro do meu umbigo, provando e sondando; mas, quando começo a me contorcer e a puxá-lo para cima, ele sobe humildemente, como se soubesse que não posso mais suportar. Talvez ele não suporte muito mais também: seu dedo separa meus lábios inchados para deslizar ao redor do meu clitóris, num círculo lento com um pouco de pressão demais. Que de repente é a intensidade adequada. Estou me dissolvendo agora, em uma piscina de músculos contraídos e prazer pegajoso.

Tá. Então o sexo pode ser… isto. Bom saber.

– Isto aqui... – diz ele. Ian ofega contra minha boca, sem pretensão de me beijar agora. Minha boca está frouxa de prazer e ele está apenas roubando meu ar, mordiscando meus lábios e gemendo contra minha bochecha. – Isto bem aqui é o Solis Lacus. O Olho de Marte. Fica bastante agitado durante as tempestades de poeira.

Ele tem mãos perfeitas. O toque perfeito. Vou explodir e me espalhar por toda parte, uma chuva de meteoritos pela cama inteira.

– E o monte Olimpo. – A palma da mão dele massageia meu clitóris agora. Seus dedos deslizam para onde quer que encontrem uma abertura, até que a tensão dentro de mim seja tão maravilhosa que eu sinta como se fosse enlouquecer. – Quero muito gozar dentro de você. Posso?

Fecho os olhos e solto um gemido. É um sim, e ele deve ter entendido. Porque grunhe assim que a cabeça do seu pau começa a me cutucar por dentro, um pouco grande demais até, mas muito determinada a abrir espaço para o resto. Eu me obrigo a relaxar. E então, quando ele atinge um ponto

perfeito dentro de mim, me obrigo a não gozar imediatamente.

– Ou talvez seja a Vastitas Borealis. – Ele é pouco inteligível. Está dando umas estocadas leves que servem mais para me abrir do que para me foder exatamente, e ainda assim nós dois estamos muito perto do orgasmo. É um pouco assustador. – Os oceanos que costumavam preenchê-la, Hannah.

– Não existe… – Eu tento voltar à Terra. Encontrar um lugar dentro de mim que esteja a salvo do prazer. Mas acabo apenas cravando meu calcanhar bom na coxa dele, tentando compreender como pode existir uma fricção tão espetacular. – A gente não sabe se realmente havia um oceano. Em Marte.

Os olhos de Ian perdem o foco. Eles se arregalam e encaram os meus, vazios. E então ele sorri e começa a se mexer de verdade, com um pequeno sussurro no meu ouvido.

– Aposto que havia.

O prazer toma conta de mim como um maremoto. Fecho os olhos, agarro-o o mais forte que consigo e deixo o oceano me inundar.



Epílogo

Laboratório de Propulsão a Jato, Pasadena, Califórnia

NOVE MESES DEPOIS

A sala de controle está em silêncio. Imóvel. Há um mar de pessoas de camisas polo azul-escuras e cordões de crachá vermelhos, que de alguma forma respiram em uníssono. Até cerca de cinco minutos atrás, os poucos jornalistas convidados a documentar esse acontecimento histórico estavam pigarreando, revirando seus equipamentos, sussurrando uma pergunta aqui e ali. Mas isso também parou.

Agora todos nós aguardamos. Em silêncio.

– … é esperado que neste momento o contato seja intermitente. Uma queda enquanto o veículo muda de antena…

Olho para Ian, que está sentado na cadeira ao lado da minha. Ele não se deu ao trabalho de ligar o próprio monitor. Em vez disso, está observando o

progresso do rover pelo meu, com uma expressão séria e preocupada. Hoje de manhã, quando ajeitei a gola de sua camisa e lhe disse como ele ficava bem de azul, ele não respondeu. Sinceramente, acho que nem me ouviu. Ele tem estado muito, *muito* apreensivo na última semana – o que por acaso eu acho… meio fofo.

– *Indo diretamente para o alvo. O rover está a cerca de quinze metros da superfície e… estamos recebendo alguns sinais do MRO. O UHF parece bom.*

Estendo a mão para roçar meus dedos nos dele debaixo da mesa. É para ser apenas um toque fugaz e reconfortante, mas sua mão se fecha em torno da minha, e eu decido mantê-la ali.

Quando se trata de Ian, eu sempre decido ficar.

– *Confirmado! O* Serendipity *pousou com segurança na superfície de Marte!*

A sala explode em aplausos. Todos se levantam de suas cadeiras, aplaudindo, rindo, pulando, abraçando. E, em meio àquele caos delicioso, triunfante e radiante da sala de controle da missão, eu me viro para Ian e ele se vira para mim, com o mais largo e brilhante dos sorrisos.

No dia seguinte, o nosso beijo está na primeira página do *The New York Times.*

Sobre a autora



ALI HAZELWOOD é autora de comédias românticas em que as protagonistas são mulheres das áreas de ciências, tecnologia, engenharia e matemática. Ph.D. em neurociência, ela também tem vários artigos publicados – nos quais, infelizmente, ninguém dá uns amassos e o "para sempre" nem sempre é feliz.

Nascida na Itália, ela morou na Alemanha e no Japão antes de se mudar para os Estados Unidos. Quando não está no trabalho, Ali pode ser encontrada correndo, fazendo crochê, comendo doces ou assistindo a filmes de ficção científica com seus dois soberanos felinos (e o marido um pouco menos felino).

alihazelwood.com

@alihazelwood

@EverSoAli

@alihazelwood

@alihazelwood

ever-so-ali.tumblr.com

CONHEÇA OS LIVROS DE ALI HAZELWOOD

A hipótese do amor
A razão do amor

ODEIO TE AMAR

Sob o mesmo teto (e-book e audiolivro)
Presa com você (e-book e audiolivro)
Abaixo de zero (e-book e audiolivro)

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro,
visite o nosso site e siga as nossas redes sociais.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br